

Aula 15

*TSE - Concurso Unificado - Português -
2023 (Pré-Edital)*

Autor:

**Equipe Português Estratégia
Concursos, Felipe Luccas**

Índice

1) Noções Iniciais de Variação Linguística	3
2) Variação Linguística (O que é)	4
3) Preconceito Linguístico	6
4) Tipos x Níveis	9
5) Níveis de Linguagem	18
6) Formal x Informal	20
7) Adequação x Inadequação	21
8) Fala x Escrita	24
9) Questões Comentadas - Níveis e Tipos de Variação - Multibancas	27
10) Questões Comentadas - Níveis de Linguagem - Multibancas	42
11) Lista de Questões - Níveis e Tipos de Variação - Multibancas	68
12) Lista de Questões - Níveis de Linguagem - Multibancas	79

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Olá, pessoal!

Professora e Coach Patrícia Manzato aqui para darmos continuidade nos nossos estudos de Língua Portuguesa!

Nesta aula, nosso foco é em entender Variação Linguística. Por mais que não seja um assunto muito cobrados nas bancas em geral, ele está em seu edital, então precisamos dar atenção a ele, ok?!

Estudar Variação Linguística é compreender um fenômeno natural de uma língua, que varia diversos fatores, como históricos e culturais, afinal a língua portuguesa é viva e é por meio do qual os falantes dessa língua se comunicam verbalmente.

Vamos em frente!

Por fim, se quiser conhecer melhor meu trabalho e ter ainda mais dicas de Estudos e de Língua Portuguesa, me siga nas redes sociais 🎯👉📚

Grande abraço e ótimos estudos!

Profª Patrícia Manzato



@prof.patriciamanzato



Prof. Patrícia Manzato

O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

Em termos simples, a língua tem a finalidade de comunicar, de transmitir conteúdo.

Sendo ela um *instrumento*, é natural que as pessoas usem-na de forma *não homogênea*, de acordo com suas necessidades e com o contexto em que se encontram. Essa *variedade* de formas no uso do idioma pode ser encontrada até mesmo na fala de uma única pessoa.



Sobre língua e suas variações, o que cai em prova é:

- ✓ Nenhuma língua é imutável.
- ✓ Mesmo em um único local, há infinitas variantes, por razões geográficas, sociais e até mesmo individuais.
- ✓ Essa variação não prejudica a unidade de uma língua.
- ✓ A língua é entendida como instrumento de comunicação de sentidos e emoções.

Nesse mesmo sentido, nos "Parâmetros Curriculares Nacionais", publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, observamos que:

A **variação** é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela **sempre existiu e sempre existirá**, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma *unidade que se constitui de muitas variedades*. [...] A imagem de uma **língua única**, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", **não se sustenta** na análise empírica dos usos da língua. (grifos meus)

Veja que o fragmento acima **relativiza** a possibilidade de haver uma única língua, com regras rígidas do que se deve ou não fazer. A prática linguística não parece corroborar essa possibilidade.

Assim, devemos destacar também as seguintes constatações sobre variação:

- ✓ A variação é fenômeno inerente a todas as línguas, inclusive as línguas antigas.
- ✓ A língua varia porque a sociedade é dividida em grupos e, dentro de cada grupo, há pessoas de diferentes idades, regiões, profissões, gêneros, classes sociais.
- ✓ A língua também varia devido ao nível de formalidade exigida pela situação.
- ✓ Há julgamento moral sobre as variantes linguísticas. Aquelas variantes que desviam na gramática normativa, ensinada nas escolas e propagada como universal e correta, são desprestigiadas e dão causa a estigma social.



(TJ-RS / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2020 - Adaptada)

Texto 1

É claro que somos livres para falar ou escrever como quisermos, como soubermos, como pudermos. Mas é também evidente que devemos adequar o uso da língua à situação, o que contribui efetivamente para a maior eficiência comunicativa.

Considerando o pensamento do texto 1 e tendo conhecimento das atribuições de um oficial de justiça, chegamos à conclusão de que, nessa atividade, a língua escrita, o nível, o uso ou o registro do idioma deve ser predominantemente formal, de acordo com os princípios da gramática normativa.

Comentário

A linguagem é formal, segue as normas básicas de grafia, concordância, regência, colocação pronominal, enfim, é rigorosamente compatível com o padrão culto. Não há indícios de regionalismo, jargão, gíria, linguagem popular ou qualquer tipo de informalidade. Questão correta.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Conforme foi mencionado, há um “julgamento moral” sobre as variantes linguísticas. Especificamente, uma dessas variantes foi “eleita” como correta: a variante “cultu” da língua, por ser compartilhada por atores sociais dominantes, como intelectuais, escritores, jornalistas, artistas, instituições oficiais, pelos órgãos de poder.

A “*norma culta*” é tida como “ideal” e hierarquicamente superior às outras. Essa convicção é chamada de “preconceito linguístico”, pois marginaliza as demais variantes, especialmente as menos escolarizadas, tratando-as como inválidas, erradas.

Não são poucas as pesquisas que levaram à conclusão de que não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias de comunicação. É necessário, portanto, que se faça uma **reavaliação do lugar da norma padrão, ideal, de referências a outras normas**, reavaliação essa que pressupõe levar em conta a variação e observar essa norma padrão como o produto de uma hierarquização de múltiplas formas variantes possíveis, segundo uma **escala de valores baseada na adequação de uma forma linguística**, com relação às exigências de interação.

(...)

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que **não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”**. (CALLOU, 2009, p.17).

Conforme o trecho acima, percebe-se a existência de uma “*pluralidade de normas*”, que variam de acordo com fatores sociais e situacionais. A tentativa de reduzir todas as normas a uma única, absoluta, atenta contra a possibilidade de adequação a contextos diferentes.

Segundo o linguista Marcos Bagno, o preconceito linguístico também se perpetua por meio da escola e dos materiais didáticos escolares, que alimentam a noção de que a norma culta é a única socialmente aceita, conforme sugere a tirinha abaixo.



Observe que a professora condena a variação regional do personagem Chico Bento, sugerindo que aquilo “não é português”. A tirinha retrata a professora como perpetuadora da noção de que só existe um “português” correto e é aquele rigidamente pautado pelas prescrições normativas da gramática tradicional.



Preconceito Linguístico

O que é?

Juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social.

Principais "sinais" de preconceito linguístico:

Não aceitação das variantes. Frases como "Isso não é português", "Existe apenas uma língua correta".



(PREF. DE BELO HORIZONTE (MG) / PROFESSOR / 2015 - Adaptada)

“Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas

formas de preconceito, a mostrar que elas não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é 'certo' e o que é 'errado', sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de 'preconceito positivo', que também se afasta da realidade."

(BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.)

Tendo em vista as ideias de Marcos Bagno e os preceitos da Sociolinguística, julgue se a afirmação constitui mito sobre a língua:

"A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo."

Comentário:

Note que a afirmação constitui mito linguístico, pois afirma uma "displicência" com a "língua nacional", como se houvesse apenas uma língua. Além disso há visão pejorativa em relação à variação linguística falada pelos jovens. Questão correta.

TIPOS DE VARIAÇÃO X NÍVEIS DE VARIAÇÃO

Níveis de variação

A variação pode ocorrer em todos os níveis da língua. No entanto, os dois níveis mais pronunciados da variação linguística são a pronúncia e o vocabulário.

No **nível fonético**, temos alterações na pronúncia e na troca de letras. Por exemplo:

- ✓ Em termos de pronúncia, há o /r/ final de sílaba, pronunciado por um carioca (arranhado, como "roda") e por uma pessoa do interior de São Paulo (arredondado, como no inglês);
- ✓ Em certos segmentos sociais, troca-se o /l/ pelo /r/ (diz-se *arto* e não *alto*).
- ✓ Há também essa variação quando se pronuncia: os infinitivos sem o /r/ final (*casá*, *vendê*, *prossegui*);
- ✓ Outras trocas possíveis: *tamén* (no lugar de também); *fulô* (no lugar de flor), *sinhô* (no lugar de senhor), *fedô* (no lugar de fedor); *muié* (no lugar de mulher), *paiaço* (no lugar de palhaço); *fio* (no lugar de filho), *correno* e *fazeno* (no lugar de correndo e fazendo).

Veja como a tirinha abaixo exemplifica tais variações:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

No **nível léxico**, há nomes diferentes para os mesmos elementos, de acordo com o estado ou região. Por exemplo:

- ✓ tangerina (sudeste) x mexerica (nordeste)
- ✓ mandioca (sudeste) x aipim (sul) x macaxeira (nordeste);
- ✓ pãozinho (sudeste) x cacetinho (sul);
- ✓ garota (sudeste) x guria (sul);
- ✓ criança (Brasil) x miúdo (Portugal).

Há charge a seguir ilustra bem essa variação lexical:



No nível morfológico, podemos encontrar os falantes conjugando verbos irregulares como se fossem regulares ("ansio" no lugar de "anseio") e vice-versa.

É recorrente na língua também o modo subjuntivo do verbo "**ver**" conjugado como "**ver**", embora a gramática normativa prescreva sua conjugação "correta" como "**vir**".

É comum também o uso de "**propor**" no subjuntivo, quando a gramática prescreve a forma "**propuser**". Da mesma forma, vale para os verbos derivados de "**pôr**".

Em Pernambuco, por exemplo, é comum o uso do pretérito perfeito do indicativo com terminação em -esse: "Fizesse" no lugar de "fez", "vendesse" no lugar de "vendeu". Observe que essa terminação é idêntica à do tempo subjuntivo: Se eu fizesse, se eu vendesse.



Por fim, no nível sintático. No português brasileiro é comum o uso (e abuso) do gerúndio ("correndo", "trabalhando"), enquanto na variante portuguesa ocorre a sintaxe "a correr", "a

trabalhar”.



Ainda no nível sintático, há que se destacar outras diferenças entre o *português falado no Brasil* e o falado *em Portugal*.

O uso dos pronomes é bastante diferente, mas a gramática normativa prescreve um uso que não encontra respaldo na prática do falante brasileiro:

- ✓ Para um português é bastante natural iniciar seus períodos com ênclise: “dá-me um cigarro”.
- ✓ O brasileiro, na linguagem oral, tende a usar “Me dá um cigarro”. Somente na linguagem mais formal, da escrita é que esse uso do pronome tende a seguir a gramática normativa.

Perceba que esse exemplo deixa mais claro que a gramática normativa é praticamente toda baseada no *português literário europeu* e não reflete as práticas linguísticas consagradas no Brasil.

É provavelmente por isso que há tanta dificuldade na colocação pronominal, porque as regras são contraintuitivas.

Veja alguns exemplos abaixo, destacados por Marcos Bagno:

Por exemplo, os pronomes o/a, de construções como “eu o vi” e “eu a conheço”, estão praticamente extintos no português falado no Brasil, ao passo que, no de Portugal, continuam firmes e fortes. Esses pronomes nunca aparecem na fala das crianças brasileiras nem na dos brasileiros não-alfabetizados e têm baixa ocorrência na fala dos indivíduos cultos, o que demonstra que são exclusivos da língua ensinada na escola, sobretudo da língua escrita, não fazendo parte, então, do repertório da língua materna dos brasileiros. Nossas crianças usam sem problema me e te — “Ela me bateu”, “Eu vou te pegar” —, mas o/a jamais, que são substituídos por ele/ ela: “*Eu vou pegar ele*”, “*Eu vi ela*”. As formas lo e la — pegá-lo, vê-la —, então, nem pensar. Se as crianças não usam é porque não ouvem

os adultos usar, e se os adultos não usam é porque não precisam desses pronomes. *E mesmo na língua dos adultos escolarizados, esses pronomes só aparecem como um recurso estilístico, em situações de uso mais formais, quando o falante quer deixar claro que domina as regras impostas pela gramática escolar.* A gramática escolar, no entanto, desconhece essa transformação por que a língua está passando e insiste em considerar “erradas” construções como “Eu conheço ele”, “Você viu ela chegar” etc.

A *ausência de concordância* também é considerada uma variante de nível sintático: “os amigo dos amigo”, “os jogador fez gol”.

A linguística explica que esse fenômeno ocorre porque a língua tende a eliminar a redundância: como a noção de plural já está contida no artigo “os”, não faria falta nos outros termos da expressão nominal.

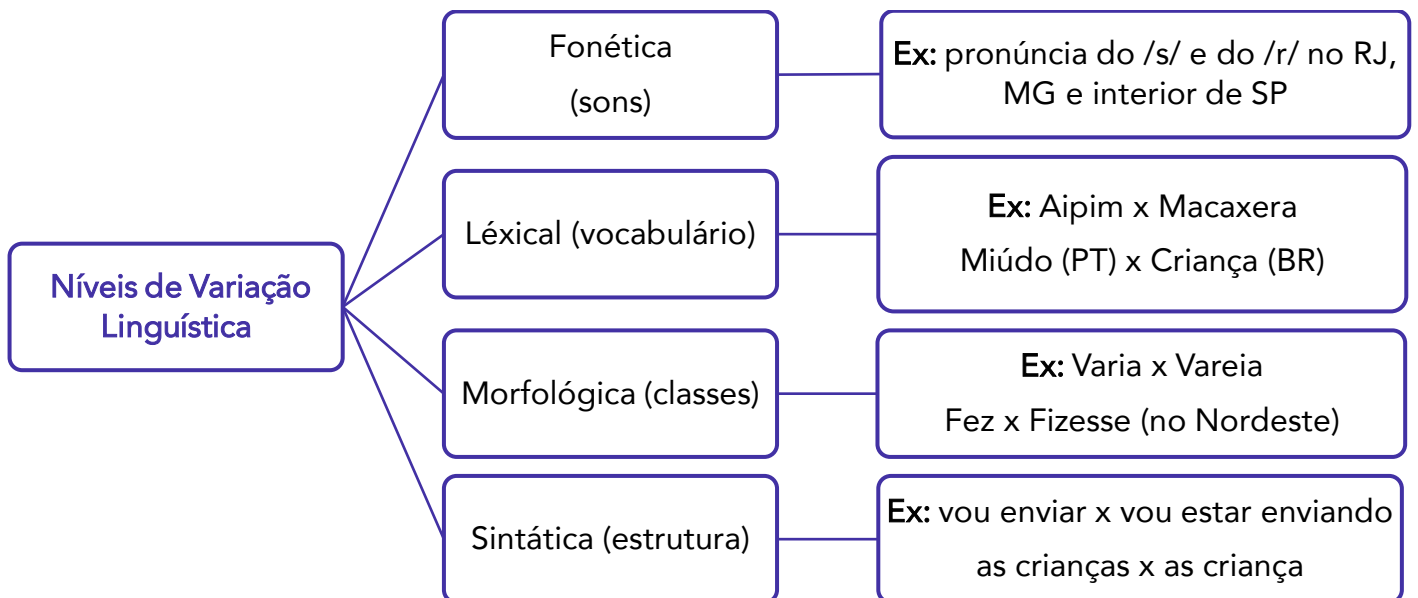
Veja essa variação de nível sintático no tipo regional:



Aproveito também para indicar uma variante linguística de nível sintático bastante criticada atualmente, chamada de “*gerundismo*”. Consiste basicamente no acréscimo do gerúndio a expressões que indicam futuro imediato ou próximo: “vou estar fazendo”, “vou estar encaminhando sua mensagem”, “vou estar gerando seu protocolo”.

Esse fenômeno tem tudo para cair na sua prova dentro do tema de variação linguística.

Veja a ilustração de tal fenômeno na charge abaixo:



Tipos de variação

A variação linguística ocorre de **região para região**, de **grupo social para grupo social**, de **situação para situação**. Esses fatores se cruzam, tornando o fenômeno ainda mais complexo.

Por exemplo, podemos observar que a fala do carioca é diferente da do gaúcho. Porém, dentro da própria fala carioca, teremos uma variante mais popular e outra mais culta. Dentro da popular,

poderemos encontrar um nível mais ou menos formal. Até mesmo na língua escrita há níveis de formalidade. Em suma, há diversos tipos de variação, que ocorrem dentro dos níveis explicados acima.

A **variação regional**, também chamada de diatópica, é aquela decorrente da diversidade geográfica.

Podemos tomar como exemplo a fala dos “caipiras”, em palavras como “arto”, no lugar de “alto”, ou de “mexerica” no lugar de “tangerina”. Trata-se de variação regional manifestada nos níveis fonético e lexical, respectivamente. Também é exemplo da variante geográfica a diferença do uso de uma mesma língua em diferentes países, como as diferenças entre o português falado no Brasil, em Portugal e em países africanos.

A **variação histórica**, também chamada de diacrônica, reflete a evolução da língua ao longo do tempo. Nela encontraremos expressões antigas que caíram em desuso (arcaísmos) e expressões inventadas recentemente (neologismos). Ao contrário do que se pensa, não é prerrogativa dos idosos usar “arcaísmos”; esses são frequentes, por exemplo, na linguagem jurídica, independente da idade.



A **variação social**, também chamada de diastrática, deriva do uso particular da língua por grupos específicos de pessoas. Como exemplo, teremos o jargão profissional, as gírias, a fala empolada dos políticos, a fala específica de pessoas com pouca escolaridade, geralmente encontradas em regiões mais pobres.



A *variação situacional*, ou diafásica, ocorre pela dinamicidade das relações humanas, pois a língua se adapta para se adequar à situação comunicativa em que os usuários se encontram.

Em contextos mais solenes, como entrevistas de emprego, tratativas com superiores hierárquicos, na presença de agentes públicos, geralmente se opta pela variante mais formal da língua. Em situações em que o usuário da língua tem maior familiaridade com seus interlocutores, a tendência é se policiar menos na linguagem e usar uma variante mais informal, com traços de oralidade.

Como exemplo, temos a diferença na fala de uma pessoa quando se dirige a um Juiz de Direito ou a um Policial Militar e quando conversa com seus amigos ou familiares.

Essa variação também se observa nos textos escritos: a linguagem dos aplicativos de comunicação *on line* é cada vez mais livre, despreocupada com as convenções da gramática normativa. É rica em abreviações e recursos gráficos e também tende a não respeitar a pontuação, de modo que se torna mais dinâmica, espontânea, em aproximação à fala.

Ressalto que esses tipos e níveis de variação se misturam dinamicamente, ou seja, numa conversa poderemos encontrar exemplos da influência da região, da idade, da escolaridade e da situação, tudo ao mesmo tempo. Um jovem carioca, não escolarizado, numa conversa informal com seus amigos do trabalho, no *whatsapp*, vai provavelmente fornecer exemplos de cada um desses aspectos.

O MELHOR DE CALVIN



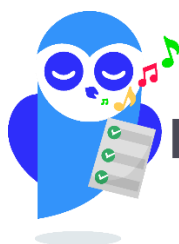
FAZES MAL JUÍZO DE MINHA ATO INTERFESTIVAMENTE E O ZEPHIR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR, INCONTINENTE.



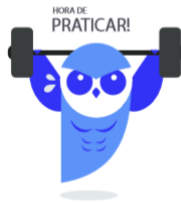
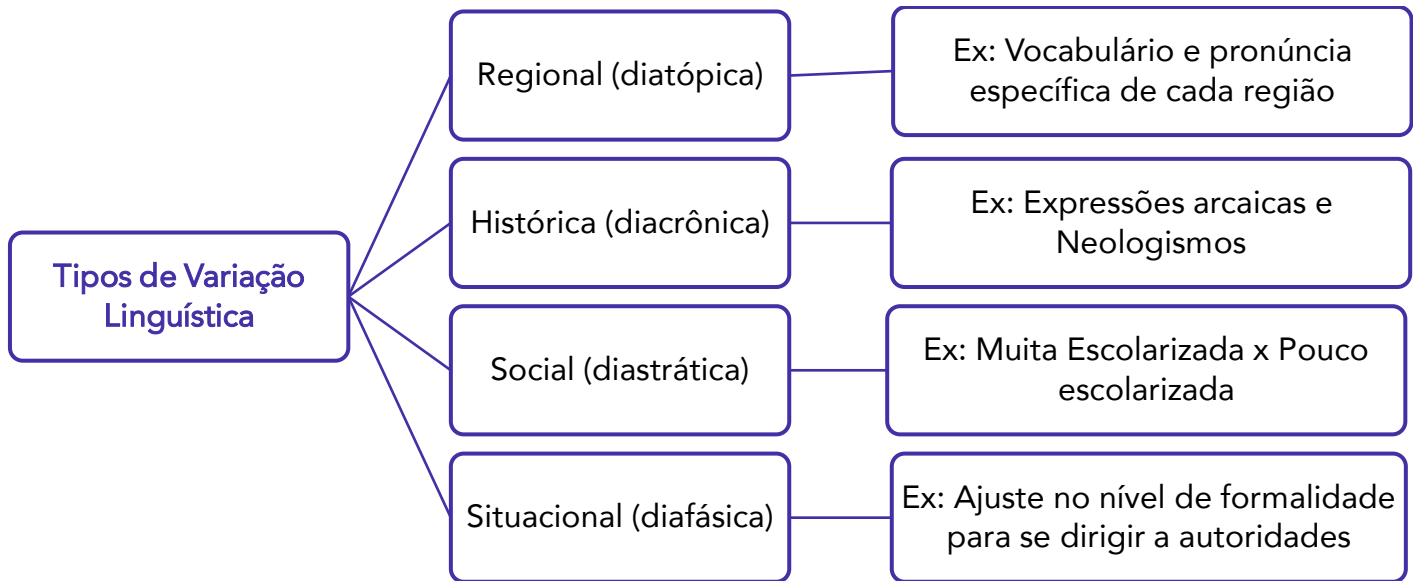
WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 2002.

Esses tipos e níveis de variação linguística *ajudam a evidenciar o locutor e o interlocutor de um texto falado ou escrito*, pois revelam características do contexto e dos envolvidos naquela situação comunicativa, como *escolaridade, idade, posição e prestígio social, região geográfica, objetivo e situação da comunicação*.

A fala muito formal e erudita de um locutor pode evidenciar sua escolaridade, profissão e posição social, ao passo que os desvios gramaticais, a pronúncia de certas palavras, a informalidade e o uso de gírias podem denunciar, por exemplo, que alguém é um morador do interior de Minas Gerais ou um jovem de algum centro urbano.



RESUMINDO



(PREF. DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP) / ENFERMEIRO / 2019 - Adaptada)

"No que dependesse dele, já teria passado por todas as operações jamais registradas nos anais da cirurgia: "Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo". Os médicos lhe asseguram que não há nada, ele sai maldizendo a medicina: "Não descobrem o que eu tenho, são uns charlatães, quem entende de mim sou eu". O radiologista, seu amigo particular, já lhe proibiu a entrada no consultório: tirou-lhe radiografia até dos dedos do pé. E ele sempre se apalpando e fazendo caretas: "Meu fígado hoje está que nem uma esponja, encharcada de bÍlis. Minha vesícula está dura como um lápis, põe só a mão aqui."

É própria da linguagem coloquial a expressão sublinhada em "Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo".

Comentário:

Note que há variação social e até regional na expressão "entrando na faca". É ainda uma expressão utilizada na linguagem mais informal, ou seja, coloquial. Questão correta.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

A **linguagem** é a capacidade que temos de expressar nossos pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos por meio de diferentes sinais.

O conjunto de sinais escolhidos determina o tipo de comunicação: verbal, visual, auditiva, gestual etc.

Quando nos referimos à comunicação verbal e escrita, a língua é mecanismo central desse processo. E, em decorrência do caráter bastante individual da língua, é necessário destacar algumas modalidades. Elas acontecem segundo a situação comunicativa e o falante nativo da língua é capaz de produzir muitos desses níveis.

Vejamos abaixo os níveis da linguagem:

Norma Culta

A **norma culta**, também chamada de **padrão**, é utilizada em situações formais, principalmente na escrita, por ser mais planejada e bem elaborada.

Caracteriza-se pela correção da linguagem em diversos aspectos:

- ✓ cuidado maior com o vocabulário;
- ✓ obediência às regras estabelecidas pela gramática;
- ✓ organização rigorosa das orações e dos períodos.

Linguagem coloquial

A **linguagem coloquial**, também chamada de **comum**, é adotada em situações informais ou familiares.

Caracteriza-se por:

- ✓ espontaneidade;
- ✓ falta de preocupação com as normas gramaticais;
- ✓ uso de gírias e de palavras não dicionarizadas.

Esse nível de linguagem é facilmente identificado em correspondências pessoais (e-mail pessoal, redes sociais etc.), histórias em quadrinhos, conversas entre familiares e amigos.

Tome cuidado! A linguagem coloquial é informal, e não inculta, ou seja, a não obediência a normas gramaticais ocorre em virtude da espontaneidade e da estilística do falante.

Veremos mais à frente que devemos entender os diversos níveis de linguagem como **adequados** ou **inadequados** a determinada situação, e não como **certos** ou **errados**.

Linguagem técnica

A **linguagem técnica** é utilizada por determinados profissionais (servidores públicos, advogados, economistas, médicos etc.) no exercício de suas atividades.

É conhecida popularmente como “**jargão**” e podem causar dificuldade de entendimento aqueles que não são da área.

Linguagem literária

A **linguagem literária** é utilizada por poetas e escritores com finalidade expressiva.

Caracteriza-se pelo rebuscamento, uso de figuras de linguagem e sentido figurativo do vocabulário.



(DPE-RJ / TÉCNICO SUPERIOR / 2019 - Adaptada)

Em situações de formalidade, é conveniente evitar o uso de linguagem informal.

A frase *A gente não precisa ganhar muito para ser feliz* mostra-se inteiramente formal.

Comentários:

Note que “a gente” refere-se a um uso informal da linguagem. Por isso não podemos afirmar que a frase está na linguagem formal por completo. Questão incorreta

LINGUAGEM FORMAL X INFORMAL

A alternância entre o registro formal e o informal está diretamente ligada à variação linguística situacional, pois esse nível do registro é ajustado conforme a *situação*, para haver adequação ao **contexto comunicativo**.

Linguagem formal

Também chamada de registro formal, é pautada pela “forma”, ou seja, por “regras formais prescritas”, sem desvios ou “erros” gramaticais.

Ocorre costumeiramente quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade ou reverência, como o ambiente de trabalho, a comunicação com superiores hierárquicos ou pessoas prestigiadas pelo locutor.

A linguagem formal é considerada “adequada” também a discursos, aulas, seminários, dissertações de concurso público ou vestibular, documentos oficiais, requerimentos.

São características da linguagem formal:

- ✓ utilização rigorosa da norma gramatical culta;
- ✓ busca pela pronúncia clara e correta das palavras;
- ✓ uso de vocabulário rico e diversificado;
- ✓ períodos sintaticamente completos;
- ✓ linguagem mais objetiva com poucas expressões de sentido figurado (ditos populares);
- ✓ autopolicimento da linguagem, com objetivo de um registro prestigiado, complexo e erudito.

Linguagem informal

Também chamada de registro *informal* ou *coloquial*. Ocorre comumente quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações mais descontraídas, cotidianas, em que não se demanda rigor no uso da língua, pois não se pressupõe julgamento desse uso.

São características da linguagem informal, dentro da natural influência da espontaneidade situacional e de variações geográficas, culturais e sociais:

- ✓ despreocupação com as normas gramaticais
- ✓ uso vocabulário simples, gírias, palavrões, neologismos, onomatopéias, expressões populares e coloquialismos.
- ✓ uso de palavras abreviadas ou contraídas: *cê, pra, tá*.

ADEQUAÇÃO X INADEQUAÇÃO

Conforme vimos estudando, o conceito de “certo” e “errado” pressupõe uma norma tida como absoluta e mandatória. Esta norma é a gramática normativa. Nesse raciocínio, existe só uma língua oficial e absoluta, a língua culta, consagrada pelos literatos e pelo poder público, tida como modelo base de toda a educação nacional.

As variantes que fogem desse conjunto de regras “obrigatórias” sofrem julgamento moral: são consideradas “erro” ou “desvio da norma”.

A máxima linguística, por outro lado, defende que **não existe certo ou errado**. Cada variante surge naturalmente para preencher uma necessidade comunicativa específica e se torna recorrente porque atinge seu objetivo. Então, essa dicotomia deveria ser substituída pelo par “*adequado*” x “*inadequado*”. A linguagem de uma palestra não deve ser a mesma de uma conversa no bar, pois os contextos demandam variantes diferentes.

A busca da compreensão ampla das variantes linguísticas como forma de combater o preconceito de a estigmatização dos usuários de menor escolaridade deve estar, portanto, nas diretrizes das escolas, que devem educar os alunos para usar variantes “adequadas” para cada contexto, de acordo com sua finalidade e seus interlocutores, sem condenar as outras como “erradas”.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa expressam que:

*“No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, **o que se almeja não é levar os alunos a falar certo**, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. **A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso**, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)”.*



(FUB / 2015)

Texto III

1

A língua que falamos, seja qual for (português,

inglês...), não é uma, são várias. Tanto que um dos mais
 eminentes gramáticos brasileiros, Evanildo Bechara, disse a
 4 respeito: “Todos temos de ser políglotas em nossa própria
 língua”. Qualquer um sabe que não se deve falar em uma
 reunião de trabalho como sealaria em uma mesa de bar. A
 7 língua varia com, no mínimo, quatro parâmetros básicos: no
 tempo (daí o português medieval, renascentista, do século XIX,
 dos anos 1940, de hoje em dia); no espaço (português lusitano,
 10 brasileiro e mais: um português carioca, paulista, sulista,
 nordestino); segundo a escolaridade do falante (que resulta em
 duas variedades de língua: a escolarizada e a não escolarizada)
 13 e finalmente varia segundo a situação de comunicação, isto é,
 o local em que estamos, a pessoa com quem falamos e o motivo
 da nossa comunicação — e, nesse caso, há, pelo menos, duas
 16 variedades de fala: formal e informal.

A língua é como a roupa que vestimos: há um traje
 para cada ocasião. Há situações em que se deve usar traje
 19 social, outras em que o mais adequado é o casual, sem falar nas
 situações em que se usa maiô ou mesmo nada, quando se toma
 banho. Trata-se de normas indumentárias que pressupõem um
 22 uso “normal”. Não é proibido ir à praia de terno, mas não é
 normal, pois causa estranheza.

A língua funciona do mesmo modo: há uma norma
 25 para entrevistas de emprego, audiências judiciais; e outra para
 a comunicação em compras no supermercado. A norma culta é
 o padrão de linguagem que se deve usar em situações formais.

A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em
 28 todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de
 parecermos pedantes. Dizer “nós fomos” em vez de “a gente
 31 tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à
 praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais
 devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o
 34 professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de
 advertir o balconista que nos cobra “dois real” pelo cafezinho?

De acordo com o texto acima, julgue o seguinte item.

Depreende-se do texto que a língua falada não é uma, mas são várias porque, a depender da
 situação, o falante pode se expressar com maior ou menor formalidade.

Comentários:

Certo. Na analogia que o texto faz, assim como cada situação demanda um nível de vestimenta,
 cada contexto exige um nível adequado de formalidade.

A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que

não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer “nós fôramos” em vez de “a gente tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia.

FALA (ORALIDADE) X ESCRITA (GRAMATICALIDADE)

Fala e escrita não são institutos dissociados, porque forma um contínuo linguístico. Porém, para efeitos didáticos, precisamos demarcar importantes diferenças entre a produção de um texto oral e um escrito. A maioria das diferenças derivam da característica principal de cada uma. A **escrita** é normatizada, tem regras de forma, tende a ser mais “engessada”.

A **fala**, por sua vez, goza de grande liberdade, pois a inconsistência sintática muitas vezes se supre pelos elementos contextuais da situação. Ela é contextualizada, porque temos como aparato situacional, além das palavras, a linguagem corporal, gestos, olhares, expressões faciais e entoação, que diferenciam uma pergunta de uma afirmação, um tom sério de um tom irônico.

O texto oral é não planejado, é espontâneo, vai sendo construído e decodificado enquanto se fala. Por isso, é forte a tendência à *fragmentação sintática*, períodos são começados e abandonados, pois o falante muda de ideia, *retifica e reformula o conteúdo* e a estrutura de suas sentenças constantemente, até mesmo pela reação do interlocutor, que permite ao locutor refinar sua mensagem, se corrigir, esclarecer e elaborar melhor suas sentenças.

A fala também é marcada pela interação simultânea entre locutor e interlocutor, pois este pode interromper, tomar a palavra, questionar. O locutor, por sua vez, pode usar marcadores conversacionais, como “entendeu?”, “certo?”, “não é”... Ambos os participantes costumam acrescentar explicações, retificações, ponderações, interjeições, hesitações.

Há forte redundância, hesitação e imprecisão. Pela maior naturalidade do ato da fala, há maior dificuldade (ou menor preocupação) com regras gramaticais rígidas, o que alimenta a convicção de que na língua falada há mais “erros” em relação à variante padrão da língua. Por isso, é comum haver mistura de tratamento (“tu” e “você”: **meu** amigo, **te** considero muito); *ausência de concordância; concordância semântica* (“a empresa me demitiu, não perdoam ninguém”); *formas contraídas ou reduzidas* (“pra”, “prum”, “num”, “tá”, “cê”, “bora”).

Ex: “os meus amigo... encontrei eles ontem... tudo engordou... eu, tipo, era um dos que, sei lá, engordei menos, de todos...”

No **texto escrito**, as sentenças são sintaticamente organizadas para serem *enunciados completos e precisos, a concordância sintática é respeitada*. Os manuais de redação não recomendam fazer muitos adendos entrecortados, sob pena de o período ficar longo e truncado.

As palavras não se valem por si, são dependentes da situação: quando se diz “aqui ela fica hoje”, o contexto vai dizer a que local se refere a palavra “aqui”, “ela” e “hoje”. Em um texto escrito, essas informações teriam que ser esclarecidas também por via de palavras. Por isso, na fala, *o vocabulário é mais reduzido*, na quantidade e na variação.

Por outro lado, na escrita, há necessidade de se recriar artificialmente todo o contexto comunicativo, porque as palavras são o único recurso. Também por isso, há necessidade de aplicar corretamente a pontuação, a ortografia a concordância e demais regras gramaticais, pois, na ausência dessas “pistas” contextuais presentes na fala, a falha na aplicação dessas regras poderá

deixar o texto sem sentido e impedir a finalidade comunicativa.

Em um texto escrito, fragmentos sintáticos e problemas de pontuação podem tornar a sentença “agramatical”, ou seja, sem sentido, irrecuperável mesmo para um raciocínio gramatical intuitivo e natural. Não é o mero desvio de uma regra que torna o texto sem sentido, mas é aquele desvio que impossibilita a compreensão:

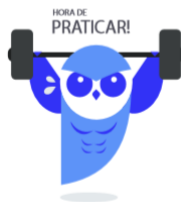
Ex: Contaram-me seu segredo. (**gramatical**, colocação pronominal correta)

Me contaram seu segredo. (**gramatical**, mas com “erro” no uso do pronome)

Seu me segredo contaram. (**agramatical**, sem sentido, sintaxe não natural)

Resumindo:

Todos podemos utilizar a língua da maneira que quisermos, mas é imprescindível que, *para que haja comunicação*, ou seja, entendimento entre as partes, a **língua** seja **adaptada e moldada** de acordo com cada **situação**.



(MPE-RJ / Analista Processual / 2016 - Adaptada)

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPLs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a

segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autosegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*) "A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro".

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem. Um exemplo desse comportamento encontra-se nas formas reduzidas: "tá de pessoa para pessoa".

Comentários:

De fato, "tá" é forma reduzida de "está", característica comum da linguagem oral informal. Questão correta.

(TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016 - Adaptada)



A linguagem verbal empregada na charge mostra traços de regionalismo.

Comentários:

O candidato deveria estar muito atento para resolver essa questão. No canto inferior direito da figura há a palavra "passofundo", município do Rio Grande do Sul. Esperava-se do candidato associar que o uso recorrente da segunda pessoa "tu" e a concordância com essa pessoa do discurso é variação regional do sul do Brasil. Questão correta.

- A) São corretas apenas as afirmativas 4 e 5.
- B) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 3.
- C) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 4.
- D) São corretas apenas as afirmativas 1, 4 e 5.
- E) São corretas apenas as afirmativas 3, 4 e 5.

Comentário

Questão mais teórica. Vejamos os itens:

1. CERTA. Lembre-se: variações diafásicas contexto comunicativo. Linguagem formal x informal.
2. CERTA. Variações diatópicas regional.
3. CERTA. Variações diastráticas grupos sociais.
4. ERRADA. Quando há nomes diferentes para os mesmos elementos, dizemos que a variação é no *nível lexical*, e não morfológico.
5. ERRADA. A “nova linguística” entende e aceita a existência de variação na língua portuguesa. Portanto não é um tema controverso. Gabarito letra B.

3. (PREF. DE TEIXEIRAS (MG) / PSICÓLOGO / 2019)

Leia o trecho a seguir.

*“Eu fiz promessa
Pra que Deus mandasse chuva
Pra crescer a minha roça
E vingar a criação
Pois veio a seca
E matou meu cafezal
Matou todo o meu arroz
E secou meu argodão
Nesta colheita
Meu carro ficou parado
Minha boiada carreira
Quase morre sem pastar
Eu fiz promessa
Que o primeiro pinga d’água
Eu moiava a frô da santa
Que tava em frente do altar”*

Sobre a linguagem utilizada nesse texto, é correto afirmar:

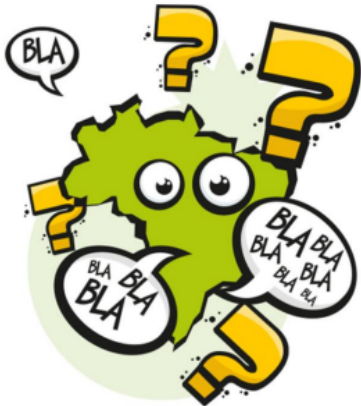
- A) Há divergência em relação à concordância verbal apregoada pela norma-culta em: “Pois veio a seca / E matou meu cafezal / Matou todo o meu arroz / E secou meu argodão”.
- B) Observa-se a predominância de uma variante formal da língua portuguesa, com presença de expressões típicas do dialeto caipira do português brasileiro.
- C) A escrita das palavras “argodão”, “moiava” e “frô” intenciona emular a pronúncia dessas palavras observada em uma variação linguística regional do português brasileiro.
- D) Os desvios ortográficos e sintáticos observados no texto influenciam em sua semântica, o que prejudica o entendimento do leitor e diminui a capacidade comunicativa do texto.

Comentário

Vejamos as alternativas:

- A) ERRADA. A concordância verbal nos versos “*Pois veio a seca* (sujeito simples) / *E matou meu cafezal* (sujeito elíptico) / *Matou todo o meu arroz* (sujeito elíptico) / *E secou meu argodão* (sujeito elíptico)” está de acordo com a norma padrão.
- B) ERRADA. Predomina no poema a linguagem informal, coloquial.
- C) CORRETA.
- D) ERRADA. A variação linguística não prejudica a mensagem a ser transmitida. Gabarito letra C.

4. (DPE-RO / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)



A charge poderia ser ilustração do seguinte item do conteúdo programático desta prova:

- a) variação linguística;
- b) marcas de textualidade;
- c) língua falada e língua escrita;
- d) redação oficial;
- e) o esquema da comunicação linguística.

Comentários:

Questão de interpretação de texto misto, com linguagem verbal (palavras) e não verbal (imagens).

A imagem mostra um mapa do Brasil com balões de falas saindo de diferentes regiões. Essa é uma referência à variação linguística regional ou geográfica. O Brasil da imagem tem olhos de

dúvida e há pontos de interrogação para confirmar isso. Essa é uma referência ao fato de que uma variante regional pode não ser compreendida em outros locais do país. Pense o quanto é normal estranhar o sentido de algumas palavras quando visitamos um estado diferente. Por esses sinais semânticos contidos no suporte textual, podemos afirmar que a imagem se refere ao tema da variação linguística. Gabarito letra A.

5. (PREF. DE FORTALEZA (CE) / 2016)

Quanto à questão da variação linguística, é incorreto afirmar que:

- a) a variação linguística é característica das línguas humanas.
- b) a variação linguística acontece em todos os níveis.
- c) a variação linguística originou-se na Antiguidade.
- d) a variação linguística sempre existiu.

Comentários:

A variação é fenômeno inerente ao desenvolvimento dinâmico de uma língua. Por esse motivo, ela sempre existiu e sempre existirá. Embora também houvesse variações nas línguas antigas, não se pode afirmar que surgiu na antiguidade, pois se estaria atribuindo um marco temporal a um fenômeno que ocorre ao longo do tempo, sem início e sem fim.

Observação: em questões de prova, se uma alternativa é igual a outra, normalmente nenhuma delas pode ser a resposta, pois haveria duas respostas corretas. Por outro lado, se uma alternativa diz o contrário da outra, provavelmente uma das duas é a resposta. Foi o que ocorreu aqui, ou seria correto afirmar que a variação linguística sempre existiu ou que ela teve um início, por serem noções excludentes.

Gabarito letra C.

6. (PREF. DE BELO HORIZONTE (MG) / PROFESSOR / 2015)

"Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que elas não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é 'certo' e o que é 'errado', sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de 'preconceito positivo', que também se afasta da realidade."

(BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.)

Tendo em vista as ideias de Marcos Bagno e os preceitos da Sociolinguística, só NÃO se constitui mito sobre a língua a ideia presente em:

A) "A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo."

B) "A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre 'o que se deve e o que não se deve falar e escrever', não se sustenta na análise empírica dos usos da língua."

C) "É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra."

D) "Quanto mais progressiva é a civilização de um povo, mais sujeita é a sua língua a deturpações e vícios, sob a variada influência das relações internacionais, dos novos inventos, das travancas da ignorância, e até dos caprichos da moda. [...]"

Comentário:

Note que a única afirmação que não constitui mito linguístico é a Alternativa B. Em todas as outras há a sustentação de "displicência" com a "língua nacional", como se houvesse apenas uma língua. Além disso, há visão pejorativa em relação à variação linguística falada pelos jovens. Gabarito letra B.

7. (CÂMARA DO RIO DE JANEIRO (RJ) / ANALISTA / 2015)

Texto IV: Preconceito linguístico ou social?

Faz algum tempo que venho me dedicando ao estudo do preconceito linguístico na sociedade brasileira. A principal conclusão que tirei dessa investigação é que, simplesmente, o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado "publicamente inaceitável" (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e "politicamente incorreto" (lembrando que o discurso do "politicamente correto" é quase sempre pura hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita "naturalidade", e a acusação de "falar tudo errado", "atropelar a gramática" ou "não saber português" pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical. Por que será que é assim?

Bagno, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. P.15,16.
Fragmento

Lê-se, no texto de Bagno, que "o preconceito linguístico não existe". Essa afirmação é utilizada para explicitar a ideia de que no Brasil, hoje:

A) a tolerância é maior do que no passado.

B) a discriminação racial é maior que a linguística.

C) a discriminação linguística é generalizada.

D) as minorias lutam por seus direitos civis

Comentário:

O autor afirma que a discriminação linguística "é algo que passa com muita 'naturalidade'". Também afirma que esse preconceito "pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos". Portanto, é algo generalizado no país. Gabarito letra C.

8. (MPE-RJ / ANALISTA PROCESSUAL / 2016)

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável."
(moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPLs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autosegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, Scripta Nova)

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro".

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

- a) segmentos desconexos: "não tem";
- b) formas reduzidas: "tá de pessoa para pessoa";
- c) explicações desnecessárias: "com dinheiro, sem dinheiro";
- d) mistura de tratamento: "se eu te conheço ou se eu não te conheço";
- e) erros gramaticais: "me irritou na rua".

Comentários:

A mistura de tratamento é, de fato, característica da variante oral da língua. Porém, não está comprovada pelo exemplo, pois o fragmento "se eu te conheço ou se eu não te conheço" não

traz mistura de tratamento, pois usa o pronome “te”, se referindo à segunda pessoa, nas duas ocasiões, sem misturar.

Vejamos um exemplo de mistura de tratamento (3ª pessoa x 2ª pessoa):

Ex: Cara, você é meu amigo. Te considero pra caramba!

Nas outras opções, há traços de oralidade e o exemplo pertinente a eles.

segmentos desconexos: “não tem”

Não tem o quê? Não conseguimos encontrar um sujeito ou objeto para esse verbo. Trata-se de um fragmento, característico da linguagem oral.

formas reduzidas: “tá de pessoa para pessoa”;

De fato, “tá” é forma reduzida de “está”.

explicações desnecessárias: “com dinheiro, sem dinheiro”;

O trecho anterior já dizia que não distinguia quem tinha dinheiro. O adendo espontâneo foi redundante (desnecessário).

e) erros gramaticais: “me irritou na rua”.

Pela gramática normativa, não se inicia oração com pronome oblíquo. Gabarito letra D.

9. (TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016)



A linguagem verbal empregada na charge mostra:

- a) desvios da norma culta;
- b) traços de regionalismo;
- c) marcas de linguagem coloquial;
- d) sinais de linguagem formal;
- e) aspectos de uma linguagem arcaica.

Comentários:

O candidato deveria estar muito atento para resolver essa questão. No canto inferior direito da figura há a palavra “passofundo”, município do Rio Grande do Sul. Esperava-se do candidato

associar que o uso recorrente da segunda pessoa “tu” e a concordância com essa pessoa do discurso é variação regional do sul do Brasil.

A alternativa *d* poderia causar dúvida, pois o uso do tu poderia parecer “formal”. No entanto, na situação comunicativa, entre mãe e filho, não haveria sentido justificar o uso do “tu” pela formalidade, pois esta é esperada quando não há familiaridade entre o locutor e o interlocutor. Com esse raciocínio, descartaríamos a alternativa.

Também não se pode dizer que há desvios, pois a concordância está sendo feita corretamente e não há mistura de tratamento. O uso do “tu” também não pode ser considerado arcaico, já que ainda é comum em algumas variantes linguísticas atuais. Gabarito letra B.

10.(SEDU-ES / PROFESSOR / 2016)

Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.

(SARAMAGO, José. Disponível em: <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/95061.html> . Acesso em 23/03/2014)

No texto acima, verifica-se que o emprego da preposição em “a 18” é indicativo da variedade linguística

- a) histórica, que se refere à dinamicidade da língua, que muda permanentemente com os seus falantes.
- b) social, que depende do contexto de comunicação, de quem são os interlocutores e seus objetivos.
- c) relativa à faixa etária: crianças, jovens, adultos e velhos podem ter um vocabulário diverso.
- d) geográfica, pois se refere ao uso da mesma língua em diferentes países.
- e) de registro, relacionada ao maior grau de informalidade entre os interlocutores.

Comentários:

A banca gosta de fazer isto: insere nas opções informações verdadeiras, mas não relacionadas à essência do que foi perguntado no item. De fato, a variação linguística histórica reflete a dinamicidade da língua e sua mudança ao longo do tempo. Também é verdade que a variação social depende de uma adequação do nível de linguagem à situação comunicativa, de acordo com a relação de proximidade, hierarquia dos interlocutores e de seus objetivos. A variação também pode ter fundamento etário, pois cada idade tem sua demanda comunicativa. No entanto, a variação em tela é geográfica, pois o site é de Portugal.

Gabarito letra D.

11.(DPO-RR / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)

“A gente não sabe bem por onde vai porque tem muitos obstáculos no caminho; para mim decidir, só entre eu e você, tenho que consultar minha mãe, já que ela conhece tudo por aqui!”

Nesse segmento de texto há uma série de marcas de uma variedade linguística popular: a apreciação inadequada sobre um dos componentes do texto é:

- a) emprego de “a gente” em lugar de “nós”;

- b) emprego do verbo "ter" em lugar de "haver";
- c) emprego de "mim" em lugar de "eu" em "para mim decidir";
- d) emprego de "eu" em lugar de mim, em "entre eu e você";
- e) emprego de "conhece tudo" em lugar de "conhece de tudo".

Comentários:

Revise essa questão! A banca trouxe 4 exemplos de traços de oralidade que são cobrados recorrentemente.

- a) emprego de "a gente" em lugar de "nós" é típico da variante linguística popular;
- b) emprego do verbo "ter" em lugar de "haver" é típico da variante linguística popular;
- c) emprego de "mim" em lugar de "eu" em "para mim decidir" é típico da variante linguística popular;

A gramática condena pronome oblíquo na posição de sujeito.

emprego de "eu" em lugar de mim, em "entre eu e você"; o correto, de acordo com a gramática normativa, seria:

"Nada mais há *entre ti e mim*" (correto);

"Nada mais há *entre mim e ti*" (correto);

"Nada mais há *entre mim e você*" (correto)

emprego de "conhece tudo" em lugar de "conhece de tudo" não é típico da fala popular, foi apenas uma escolha do falante, que não afetaria o sentido no contexto e atingiria igualmente sua intenção comunicativa. Gabarito Letra E.

12.(CAIXA ECONÔMICA / ENGENHEIRO / 2013)

A lua da língua

Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações do expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova, ou a língua das aeromoças em seus avisos mecanicamente fundamentais.

Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra tarde fica mais triste e morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua miga. E, por ser já meio escuro, o mundo perde a nitidez. Calar, a tarde não se cala, mas diz menos do que veio a dizer. É a que frequenta os cartões de namoro, as confissões, as brigas e os gritos, ou a atenção desajeitada das palavras num velório, ou nos sussurros namorados ao pé dos muros dos subúrbios.

E tem a língua que em si mesma anoitece, quando o escuro espatifa o sentido. O sol, esfacelado, vira pó. E a linguagem se perde dos trilhos de por onde ir. Tateia, titubeia, tropeça, esbarra em regras, arrasta a mobília das normas. À noite, sonha a nossa língua. No céu da boca as palavras guardam um resíduo de pensamento, e têm a densidade vazia das ideias vagas, condensando-se como nuvens de um céu sem luz. No calor tempestuoso dessas noites de Manuel Bandeira, é possível a bailarina ser feita de borracha e pássaro. Enquanto o poeta Murilo Mendes solta os pianos na planície deserta, tudo é dito distante dos ruídos do dia. Tudo é possível nessa escuridão criativa, existe o verso, existe a canção.

Mais tarde, finda a noite, quando abrimos a boca, a língua amanhece, e de novo a levamos pelos corredores e pelas repartições, pelas galerias e escritórios, valendo-nos dela para o recado simples, a ordem necessária, o atendimento útil. Enquanto não chega a tarde, enquanto não anoitece.

(Adaptado de André Laurentino, Lições de gramática para quem gosta de literatura)

O autor refere-se no texto a três línguas, cuja variação se deve, sobretudo,

- à classe social do falante, já que esta é marcada pela maior ou menor facilidade de acesso do indivíduo aos bens culturais.
- à disposição de espírito e ao humor de cada um de nós, que variam de modo aleatório ao longo das diferentes etapas de nossa vida.

c) aos mecanismos linguísticos próprios da linguagem verbal, que nada têm a ver com as intenções ou necessidades circunstanciais do usuário.

d) à diversidade das situações de linguagem, que o autor vê marcadas na sucessão dos diferentes períodos do dia.

e) ao maior ou menor índice de formalidade com que as pessoas as empregam, cumprindo ou descumprindo as normas gramaticais.

Comentários:

O texto faz referência à variação linguística situacional e o autor, de fato, faz um paralelo com as partes do dia. Veja as situações indicadas no texto, como a linguagem do trabalho, da literatura e dos momentos de emoção:

Faz referência a uma língua “suada, ensopada de precisão”, ou seja, de manuseio trabalhoso, usada em contextos mais sérios, como no trabalho (língua formal do aviso das aeromoças), mas que é descartada em situações informais, como no bar.

Existe uma língua para ser usada de dia [...] que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório [...] e jogar fora no bar.

Há outra língua, a língua “migalha”, usada de tarde, que “diz menos do que veio dizer”; é utilizada em situações em que a fala é permeada por fortes sentimentos:

“é a que frequenta os cartões de namoro, as confissões, as brigas e os gritos, ou a atenção desajeitada das palavras num velório, ou nos sussurros namorados ao pé dos muros dos subúrbios.”

O autor também se refere a uma linguagem utilizada “à noite”, literária, que é feita de imagens poéticas, metáforas, dita “diante dos ruídos do dia” (dia=linguagem formal, pautada por regras):

... o escuro espatifa o sentido [...] E a linguagem se perde nos trilhos de por onde ir. Tateia, titubeia, tropeça, esbarra em regras, arrasta a mobília das normas (subverte, desrespeita as regras). [...] Tudo é possível nessa escuridão criativa, existe o verso, existe a canção.” Gabarito letra D.

13.(CÂM. DE ARACRUZ / AGENTE LEGISLATIVO / 2016)

Amor de passarinho

Desde que mandei colocar na minha janela uns vasos de gerânio, eles começaram a aparecer. Dependurei ali um bebedouro, desses para beija-flor, mas são de outra espécie os que aparecem todas as manhãs e se fartam de água açucarada, na maior algazarra. Pude observar então que um deles só vem quando os demais já se foram.

Vem todas as manhãs. Sei que é ele e não outro por um pormenor que o distingue dos demais: só tem uma perna. Não é todo dia que costuma aparecer mais de um passarinho com uma perna só.

[...]

Ao pousar, equilibra-se sem dificuldade na única perna, batendo as asas e deixando à mostra, em lugar da outra, apenas um cotozinho. É de se ver as suas passarinhices no peitoril da janela, ou a saltitar de galho em galho, entre os gerânios, como se estivesse fazendo bonito para mim. Às vezes se atreve a passar voando pelo meu nariz e vai-se embora pela outra janela.

"É de se ver as suas passarinhices no peitoril da janela,..." (3º§)

A palavra "passarinhices" deve ser designada como

- a) dialeto.
- b) idiotismo.
- c) neologismo.
- d) regionalismo.

Comentários:

A palavra "passarinhice" é um neologismo, uma palavra inventada, normalmente criada pelo mesmo processo de formação de palavras que usamos para "meninice" (menino+ice), "velhice" (velho+ice). No caso, por não haver um substantivo que indicasse "ações típicas de passarinho", surgiu a necessidade de criar uma palavra nova. Por isso, diz-se que o neologismo é típico da linguagem informal, falada ou escrita. É uma palavra criada espontaneamente, da necessidade dinâmica da língua. Gabarito letra C.

14. (BANESTES / TÉCNICO / 2012)

Diploma garantido

Muitos pais têm contratado planos de previdência para os filhos menores de idade. A diferença é que, ao fazer isso, não estão pensando em investir na aposentadoria dos rebentos, mas sim em oferecer condições para que, ao atingir a maioridade, eles tenham dinheiro para arcar com despesas relacionadas à educação, como uma boa faculdade, um curso de especialização ou um intercâmbio no exterior.

Segundo dados da Federação Nacional de Previdência Privada Vida (FenaPrevi), entidade que reúne empresas do setor, os planos de previdência para menores arrecadaram só no ano passado, 1,7 bilhão de reais – 24% a mais do que em 2010.

Falta de disciplina para fazer os depósitos e saques não programados prejudicam quem quer poupar para o futuro. "A contribuição deve ser encarada como uma despesa da casa, assim como as contas de água e luz", diz Carolina Wanderley, consultora sênior de previdência privada da empresa de investimentos Mercer. Ou seja, não se deve "pular" o investimento na previdência em meses de dinheiro curto, muito menos usar o montante reservado nela para cobrir despesas acima do normal.

Para contornar imprevistos desse gênero, os especialistas recomendam pedir ao banco que as mensalidades sejam postas em débito automático ou cobradas via boleto e manter um segundo investimento – como uma poupança – destinado a "apagar incêndios".

Apesar de possuir uma linguagem predominantemente formal, o texto apresenta o registro de variante linguística coloquial em

- a) "Muitos pais têm contratado planos de previdência para os filhos menores de idade."
- b) "... como uma boa faculdade, um curso de especialização ou um intercâmbio no exterior..."
- c) "... saques não programados prejudicam quem quer poupar para o futuro."
- d) "... não se deve 'pular' o investimento na previdência em meses de dinheiro curto..."
- e) "... pedir ao banco que as mensalidades sejam postas em débito automático..."

Comentários:

A variante linguística coloquial se manifesta em “pular”, que tem uso metafórico, no sentido de “deixar de fazer”. Gabarito letra D.

15. (CÂMARA DE MARINGÁ / ASSISTENTE ADMINISTRATIVO / 2017)

Oh! Minas Gerais

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala, ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.

Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E ai pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua siguino toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podíí.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do adoçante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocê procê...

Coisa de mineiro.

Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já “tinha outra”, como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

- Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

ADAPTADO. VILLAS, Alberto. Oh! Minas Gerais. In: Carta Capital. Publicado em 10 fev. 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/oh-minas-gerais>.

Considerando o texto Oh! Minas Gerais, em relação à variedade linguística, assinale a alternativa correta.

- A variedade predominante é a diatópica, que expressa a diversidade linguística-cultural entre regiões geográficas distintas.
- A variedade predominante é a diastrática, em que há a utilização de linguagem escrita e falada.
- A variedade dominante é a diafásica, que representa a diversidade linguística-cultural entre classes sociais.
- A variedade predominante é a diamésica, em que há a redução no padrão morfológico de realização das palavras.
- A variedade dominante é a paramétrica, uma vez que o autor emprega tanto a variedade formal como a informal.

Comentários:

Temos uma tentativa de registro fiel da fala do mineiro:

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

A variação linguística típica de uma região geográfica é chamada de diatópica. Esta é a que predomina no texto.

b) Variação diastrática é a relacionada a diferenças entre os estratos socioculturais (nível culto, nível popular, língua padrão, gírias, jargões).

c) Esta é a diastrática. Diafásica é a variação linguística situacional, decorrente do contexto, da relação entre os participantes da situação comunicativa, níveis de formalidade, familiaridade, adequação ao grupo.

d) Variação linguística diamésica é a que envolve as diferenças entre fala e escrita.

e) Variação linguística paramétrica, em suma, é a variação entre os parâmetros, os padrões estruturais sintáticos entre as línguas. É um tipo de variação sintática entre línguas. No português, por exemplo, o adjetivo vem normalmente depois do substantivo, sendo o deslocamento em geral um recurso de ênfase. No inglês, o adjetivo dentro de uma expressão nominal vem antes do substantivo. Há línguas em que o adjetivo vem unido ao substantivo, numa palavra única. Esses parâmetros variam de língua para língua.

Gabarito letra A.

QUESTÕES COMENTADAS - NÍVEIS DE LINGUAGEM - MULTIBANCAS

1. (TJ-RS / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2020)

Texto 1

É claro que somos livres para falar ou escrever como quisermos, como soubermos, como pudermos. Mas é também evidente que devemos adequar o uso da língua à situação, o que contribui efetivamente para a maior eficiência comunicativa.

Considerando o pensamento do texto 1 e tendo conhecimento das atribuições de um oficial de justiça, chegamos à conclusão de que, nessa atividade, a língua escrita, o nível, o uso ou o registro do idioma deve ser predominantemente:

- a) formal, de acordo com os princípios da gramática normativa;
- b) informal, em busca de mais ampla compreensão da mensagem;
- c) regional, adequando-o ao local onde ocorre a comunicação;
- d) popular, tendo em vista que as mensagens são lidas por todos;
- e) ultraformal, selecionando vocabulário erudito e construções elaboradas.

Comentário

A linguagem é formal, segue as normas básicas de grafia, concordância, regência, colocação pronominal, enfim, é rigorosamente compatível com o padrão culto. Não há indícios de regionalismo, jargão, gíria, linguagem popular ou qualquer tipo de informalidade. Gabarito letra A.

2. (PREF. DE SANTA LUZIA D'OESTE (RO) / TÉCNICO / 2020)

VOCÊ NÃO PODE TER SEMPRE O QUE QUER

A quarentena surpreendeu a todos. Havíamos recém entrado em março, quando 2020 começaria pra valer, mas em vez de dar início ao cumprimento das resoluções de fim de ano, fomos condenados à prisão domiciliar, mesmo não tendo cometido crime algum. Paciência: ser livre se tornou um delito. Parece injusto, mas chegou a hora de entender que não podemos ter sempre o que queremos.

Gostaríamos muito de rever os amigos e parentes, fazer a viagem planejada, torcer pelo nosso time, ir ao pilates, ao cabeleireiro, tomar uma caipirinha com o crush, comparecer à formaturas e casamentos. Gostaríamos de ver as lojas abertas, o comércio aquecido, os índices da bolsa subindo, o dólar baixando.

Gostaríamos de acreditar que todos os líderes do mundo estão errados e só o nosso presidente está certo. Gostaríamos de ter alguém lúcido e responsável no comando do país. Mas, infelizmente, you can't always get what you want. Não por acaso, foi essa a música escolhida pelos Rolling Stones em sua participação no comovente One World/Together at home, evento transmitido ao vivo em 18 de abril, onde diversos artistas, personalidades e profissionais da saúde uniram-se online, cada um em sua casa, para lembrar que somos todos absolutamente

iguais diante de uma ameaça, e que o distanciamento social é a saída, mesmo que não seja o que a gente quer.

Seu desejo é uma ordem? Não mesmo. Frase cancelada, como canceladas foram as peças de teatro, os jogos de futebol, as liquidações, o happy hour depois do expediente – e o próprio expediente. Aposentadoria antes da hora, por tempo indefinido. Qual será o legado, o que aprenderemos desta experiência?

Que consumir por consumir é uma doença também. Que o céu está mais azul, a vegetação mais verde e o ar mais puro: não somos tão imprescindíveis, a natureza agradece nossa reclusão. Que há muitas maneiras de se comemorar um aniversário, mesmo sozinho em casa: vizinhos cantam em janelas próximas, amigos deixam flores na portaria do prédio, organiza-se uma reunião por aplicativo. Emoção genuína, festa inimitável. E pensar que há quem gaste uma fortuna com decoração de ambiente, DJ da moda e champanhe francês para 500 convidados, e ainda assim não consegue se sentir amado.

Já tivemos, poucos anos atrás, uma greve de caminhoneiros que serviu de ensaio do apocalipse. Pois já não é mais ensaio, é apocalipse now. Não desperdicemos a chance de amadurecer, simplificar, mudar de atitude. De valorizar o coletivo em detrimento do individual. De praticar um novo método de convívio: uns pelos outros, sempre, e não só na hora do aperto. De fazer deste imenso país uma nação mais homogênea, em prol de uma existência menos metida a besta.

(O GLOBO, Marta Medeiros, 2020)

Sobre a linguagem do texto:

- A) é um monólogo.
- B) é coloquial e aproxima-se do leitor
- C) é impessoal, sem opinião da autora.
- D) é um texto predominantemente referencial.
- E) é impessoal e objetiva.

Comentário

O texto apresenta diversas marcas de coloquialidade, que aproximam o autor do leitor. São elas: "*mesmo que não seja o que a gente quer*", "*com o crush*" "*apocalipse now*". Gabarito letra B.

3. (PREF. DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP) / ENFERMEIRO / 2019)

Atenção: Para responder a questão, considere a crônica abaixo.

Quando lhe disse que um vago conhecido nosso tinha morrido, vítima de tumor no cérebro, levou as mãos à cabeça:

– Minha Santa Efigênia!

Espantei-me que o atingisse a morte de alguém tão distante de nossa convivência, mas logo ele fez sentir a causa de sua perturbação:

– É o que eu tenho, não há dúvida nenhuma: esta dor de cabeça que não passa! Estou para morrer.

Conheço-o desde menino, e sempre estive para morrer. Não há doença que passe perto dele e não se detenha, para convencê-lo em iniludíveis sintomas de que está com os dias contados.

Empresta dimensões de síndromes terríveis à mais ligeira manifestação de azia ou acidez estomacal:

– Até parece que andei comendo fogo. Estou com pirofagia crônica. Esta cólica é que é o diabo, se eu fosse mulher ainda estava explicado. Histeria gástrica. Úlcera péptica, no duro.

Certa ocasião, durante um mês seguido, tomou injeções diárias de penicilina, por sua conta e risco. A chamada dose cavalár.

– Não adiantou nada – queixa-se ele. – Para mim o médico que me operou esqueceu alguma coisa dentro de minha barriga.

Foi operado de apendicite quando ainda criança e até hoje se vangloria:

– Menino, você precisava de ver o meu apêndice: parecia uma salsicha alemã.

No que dependesse dele, já teria passado por todas as operações jamais registradas nos anais da cirurgia: “Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo”. Os médicos lhe asseguram que não há nada, ele sai maldizendo a medicina: “Não descobrem o que eu tenho, são uns charlatões, quem entende de mim sou eu”. O radiologista, seu amigo particular, já lhe proibiu a entrada no consultório: tirou-lhe radiografia até dos dedos do pé. E ele sempre se apalpando e fazendo caretas: “Meu fígado hoje está que nem uma esponja, encharcada de bÍlis. Minha vesícula está dura como um lápis, põe só a mão aqui”.

– É lápis mesmo, aí no seu bolso.

– Do lado de cá, sua besta. Não adianta, ninguém me leva a sério.

[...]

Ultimamente os amigos deram para conspirar, sentenciosos: o que ele precisa é casar. Arranjar uma mulherzinha dedicada, que cuidasse dele. “Casar, eu?” – e se abre numa gargalhada: “Vocês querem acabar de liquidar comigo?” Mas sua aversão ao casamento não pode ser tão forte assim, pois consta que de uns dias para cá está de namoro sério com uma jovem, recém-diplomada na Escola de Enfermagem Ana Néri.

(SABINO, Fernando. As melhores crônicas. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012, p. 71-72)

É própria da linguagem coloquial a expressão sublinhada em:

- A) Foi operado de apendicite quando ainda criança (9º parágrafo)
- B) Quando lhe disse que um vago conhecido nosso tinha morrido (1º parágrafo)
- C) logo ele fez sentir a causa de sua perturbação (3º parágrafo)
- D) Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo (11º parágrafo)
- E) Mas sua aversão ao casamento não pode ser tão forte assim (14º parágrafo).

Comentário

Note que a única alternativa em que há o uso de linguagem coloquial é a Letra D. Nele há variação social e até regional na expressão "entrando na faca". Nas demais alternativas, não linguagem coloquial. Gabarito letra D.

4. (CÂMARA DE FORTALEZA (CE) / REVISOR / 2019)

Examine os trechos transcritos abaixo.

- I. Em voz baixa, ao pé do ouvido, como esses vendedores clandestinos que nos propõem um relógio submersível. (2º parágrafo)
- II. Nenhum papel escrito selara o ajuste; nem havia ajuste. Havia um bebê que mudou de mãos e agora começa a fazer falta ao pai. (7º parágrafo)
- III. Porque não fora abandonado por ela; os dois tinham apenas brigado, e o marido, no vermelho da raiva, saía com o filho para dá-lo a quem quisesse. (8º parágrafo)
- IV. Podia ser que fizesse aquilo para o bem do menino, um desses atos de renúncia que significam amor absoluto. (4º parágrafo)

As expressões sublinhadas acima são próprias da modalidade coloquial da linguagem APENAS em

- A) II e IV.
 B) III e IV.
 C) I e III.
 D) II e III.
 E) I e II.

Comentário

Vejamos os itens:

- I. "*ao pé do ouvido*" marca linguagem coloquial, informal e traz a ideia de algo que é *dito em segredo, de modo discreto*.
- II. "*selara o ajuste*" é uma marca de linguagem formal, tanto o termo quanto a flexão do verbo no Pretérito Mais-que-perfeito.
- III. "*no vermelho da raiva*" é um termo da linguagem coloquial e tem o sentido de ser o ápice da raiva.
- IV. "atos de renúncia" não marca a linguagem coloquial. É um termo de acordo com a norma culta. Gabarito letra C.

5. (IF-MS / TÉCNICO EM T.I. / 2019)

A Capa da Revista reproduzida abaixo traz a seguinte manchete: "Sorria. Você está demitido. Como extrair o melhor – um belo pacote de saída e até uma recolocação – no pior momento de sua carreira".



Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-710240639-revista-exame-sorria-voc-esta-demitido-_JM. Acesso em: 08.10.19.

A respeito do texto verbal e da imagem da capa pode-se afirmar que:

- I. O desemprego é apresentado de forma otimista, pois o verbo “sorrir” cria o contraste entre desemprego e recolocação.
- II. A imagem sugere um “pé na bunda”, que no vocabulário informal é usado para quem perdeu o emprego.
- III. Há um certo grau de formalidade no tratamento do leitor, o que garante certo distanciamento de seu público.
- IV. A antítese “melhor” e “pior” cria no leitor a expectativa positiva em relação ao assunto que será tratado na revista.

É CORRETO o que se afirma em:

- A) I, II e IV.
- B) I, III, IV.
- C) I e IV somente.
- D) II e IV somente.
- E) II e III somente.

Comentário

Vejamos os itens:

- I) CERTA. Além do verbo “sorrir”, há o trecho “como extrair o melhor” que enfatiza o lado positivo.
- II) CERTA. De fato, a ilustração corrobora com a imagem do “pé na bunda”, que é característico da linguagem informal.

III) ERRADA. Não há formalidade ou distanciamento. Ao contrário: a capa fala diretamente com o leitor, "você está demitido"; "sorria".

IV) CERTA. Retomando o item (I), há a antítese "melhor" e "pior", o verbo "sorrir" e o trecho "como extrair o melhor". Gabarito letra A.

6. (SANASA / AGENTE TÉCNICO / 2019)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

De cedo, aprendi a subir ladeira e a pegar bonde andando. Posso dizer, com humildade orgulhosa, que tive morros e bondes no meu tempo de menino.

Nossa pobreza não era envergonhada. Ainda não fora substituída pela miséria nos morros pobres, como o da Geada. Que tinha esse nome a propósito: lá pelos altos do Jaguaré, quando fazia muito frio, no morro costumava gear. Tínhamos um par de sapatos para o domingo. Só. A semana tocada de tamancos ou de pés no chão.

Não há lembrança que me chegue sem os gostos. Será difícil esquecer, lá no morro, o gosto de fel de chá para os rins, chá de carqueja empurrado goela abaixo pelas mãos de minha bisavó Júlia. Havia pobreza, marcada. Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada, amorosamente, também no morro da Geada, pelas mãos de minha avó Nair.

A miséria não substituíra a pobreza. E lá no morro da Geada, além do futebol e do jogo de malha, a gente criava de um tudo. Havia galinha, cabrito, porco, marreco, passarinho, e a natureza criava rolinha, corruíra, papa-capim, andorinha, quanto. Tudo ali nos Jaguarés, no morro da Geada, sem água encanada, com luz só recente, sem televisão, sem aparelho de som e sem inflação.

Nenhum de nós sabia dizer a palavra solidariedade. Mas, na casa do tio Otacílio, criavam-se até filhos dos outros, e estou certo que o nosso coração era simples, espichado e melhor. Não desandávamos a reclamar da vida, não nos hostilizávamos feito possesores, tocávamos a pé pra baixo e pra cima e, quando um se encontrava com o outro, a gente não dizia: "Oi!". A gente se saudava, largo e profundo: – Ô, batuta!*

**batuta: amigo, camarada.*

(Texto adaptado. João Antônio. Meus tempos de menino. In: WERNEK, Humberto (org.). Boa companhia: crônicas. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p. 141-143)

No contexto do 5º parágrafo, em contraste com "Ô, batuta!", a saudação "Oi" demonstra maior

- A) cordialidade.
- B) impessoalidade.
- C) proximidade.
- D) sinceridade.
- E) informalidade.

Comentário

Pelo texto, percebe-se que a expressão "ô batuta" representa proximidade, amizade. Por contraste, "oi" apresenta um maior distanciamento, uma impessoalidade. Gabarito letra B.

7. (SANASA / AGENTE TÉCNICO / 2019) *Utilize o texto da questão anterior*

O tom subjetivo combina-se com um nível de linguagem explicitamente informal na seguinte passagem:

- A) Tudo ali nos Jaguarés, no morro da Geada, sem água encanada, com luz só recente, sem televisão, sem aparelho de som e sem inflação. (4º parágrafo)
- B) Que tinha esse nome a propósito: lá pelos altos do Jaguaré, quando fazia muito frio, no morro costumava gear. (2º parágrafo)
- C) Nenhum de nós sabia dizer a palavra solidariedade. Mas, na casa do tio Otacílio, criavam-se até filhos dos outros... (5º parágrafo)
- D) Ainda não fora substituída pela miséria nos morros pobres, como o da Geada. (2º parágrafo)
- E) Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada [...] pelas mãos de minha avó Nair. (3º parágrafo).

Comentário

Note que o trecho "*Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada [...] pelas mãos de minha avó Nair*" revela um tom de subjetividade, ao apresentar ao leitor uma experiência particular por meio de uma narrativa da infância. Além disso, há marcas da **linguagem informal**. Gabarito letra E.

8. (TJ-CE / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2019)

A frase abaixo que foi construída exclusivamente por linguagem formal é:

- A) Primeiro a gente enlouquece e depois vê no que dá;
- B) A vida é curta demais para vivê-la ao lado de um filho da mãe;
- C) Tem pessoas que discordam de mim e outras, que são inteligentes;
- D) Me deram como castigo uma pena de dez anos;
- E) Somente o que perdi é meu para sempre.

Comentário

- A) ERRADA. "a gente" demonstra linguagem coloquial.
- B) ERRADA. A expressão usada em um contexto coloquial expressa um valor negativo.
- C) ERRADA. O verbo "ter" com sentido de "existir" é uma marca da linguagem coloquial.
- D) ERRADA. O pronome "me" no início da frase é uma marca da linguagem coloquial.
- E) CERTA. Gabarito letra E.

9. (UFF / ASSISTENTE ADMINISTRATIVO / 2019)

TEXTO 1

APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que

No Texto 1, percebe-se o uso de uma linguagem mais informal, próxima da língua falada e de acordo com a situação de comunicação retratada. Analise as quatro assertivas a seguir sobre o uso da variante linguística utilizada no texto em análise.

I Em “Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas (...)” (linhas 1-2), a imprecisão referente à data é própria da linguagem informal.

II Em “Perguntaram-me se o ladrão estava armado (...)” (linha 13), a ênclise é própria da modalidade oral informal.

III Em “O tiro fez um estrago danado no cara!” (linha 24), “danado” é uma gíria muito comum e, nesse contexto, significa “enorme”.

IV Em “(...) e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo” (linhas 27-29), há um problema de concordância, recorrente na variante informal da língua portuguesa.

É verdadeiro o que está contido somente em

A) I e III.

B) II e III.

C) II e IV.

D) III.

E) IV.

Comentário

I) ERRADA. Imprecisão não caracteriza informalidade.

II) ERRADA. A ênclise, em geral, é marca de textos formais.

III) CERTA.

IV) ERRADA. É um caso de dupla concordância, por isso não é uma marca de oralidade ou informalidade. Gabarito letra D.

10.(CÂMARA DE CAMPINA GRANDE (PB) / AGENTE LEGISLATIVO / 2019 - Adaptada)

“ Eleições” é o tema da charge a seguir, que destaca não só a postura de políticos, de fazer promessas durante as campanhas eleitorais, mas também a postura crítica de muitos eleitores, atentos a essa realidade. Avalie a proposição, que diz respeito aos recursos linguísticos presentes no diálogo entre os personagens, e responda ao que se pede.



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-13-09-2018-1.2030423>.

O uso da forma verbal abreviada “tá”, em vez de “está” não constitui um erro, apesar de ser proferido por um médico, pois reflete o envolvimento dos personagens no processo interacional; além disso, justifica-se em razão do propósito comunicativo do gênero textual – a charge.

Comentário

A forma abreviada “tá”, de fato, marca a linguagem coloquial. E no contexto de fala, não é considerado erro. Questão correta.

11.(PGE-PE / ASSISTENTE DE PROCURADORIA / 2019)

- 1 Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na
região de lindas propriedades cafeeiras. Íamos de automóvel
até Barra do Pirai, onde pegávamos um carro de boi.
4 Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais,
com uma vara: “Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!”. Tenho
ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da
7 minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que
minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia
um para cada dia da semana, assim, eu podia me esbaldar e me
10 sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para
usar no dia seguinte.

Jô Soares. **O livro de Jô**: uma autobiografia
desautorizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Com relação aos aspectos linguísticos desse texto, julgue o item a seguir.

As formas 'Xô' e 'Vâmu', na linha 5, são marcas de oralidade e reproduzem a informalidade da fala do condutor do carro de boi.

Comentário

Os termos "Xô" e "Vâmu", de fato, são marcas de oralidade do narrador-personagem. Questão correta.

12. (MPE-RJ / TÉCNICO PROCESSUAL / 2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

- a) "A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";
- b) "Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";
- c) "Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";
- d) "Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";
- e) "Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

Comentários:

Não se culpe se teve dificuldade em achar o traço de coloquialismo entre as opções. É covarde, mas a banca cobrou um exemplo de *redução* que já não se percebe mais na língua.

Vimos acima que as reduções, contrações, gírias e regionalismos são desprestigiadas no uso formal da língua. São consideradas coloquiais, informais, características da oralidade.

A palavra "dica" é considerada informal ou coloquial, por ser uma redução da palavra "indicação". O dicionário *Houaiss* a registra como regionalismo.

As outras opções estão formais e rigorosamente escritas. Gabarito letra C.

13. (TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016)



A fala da funcionária "OK, Senhor. Vou estar anotando o seu problema para estar agendando a visita de um técnico" mostra uma marca típica desse modo de falar, que é:

- a) a presença marcante de estrangeirismos;
- b) o emprego de uma linguagem demasiadamente erudita;
- c) o mau uso do gerúndio;
- d) a completa falta de objetividade na mensagem;
- e) a ausência de tratamento individualizado.

Comentários:

A questão trouxe uma tendência moderna de variação linguística em nível sintático. O gerúndio indica ação presente em curso ou ações simultâneas. Seu uso em locução verbal misturado ao sentido de futuro imediato é condenado pela gramática normativa, por causar uma imprecisão semântica, um conflito entre ação que está em curso continuado e outra que está no futuro. A banca então deu como gabarito a letra c, o “mau” uso do gerúndio, chamado atualmente de “gerundismo”. Essa variante é comum nos serviços de teleatendimento e ajuda a evidenciar o locutor como alguém pertencente a esses grupos. Gabarito letra C.

14. (PREFEITURA DE NITERÓI / 2016)



A linguagem da charge deve ser classificada como:

- a) formal, pois não apresenta desvios gramaticais;
- b) informal, pois emprega termos de gíria;
- c) regional, já que mostra marcas de certa região do país;
- d) jargão profissional, visto que contém expressões típicas de políticos;
- e) erudita, já que inclui termos e construções rebuscadas.

Comentários:

Como vimos, uma das características da linguagem formal é ausência de desvios gramaticais. Observe a pontuação cuidadosa, uso do hífen correto...

A questão é maldosa: apesar de poder causar dúvida, a resposta não poderia ser a letra b, pois não há de fato uma gíria. A expressão “monte de gente” pode ser considerada, no máximo, informal, mas não é gíria. Gabarito letra A.

15. (PREFEITURA DE NITERÓI / 2016)



Por tratar-se de uma charge humorística é comum a presença da linguagem coloquial que, nas falas da charge, se manifesta:

- a) no emprego da gíria “idiota”;
- b) na utilização de um nome no diminutivo;
- c) no emprego do tratamento você;
- d) na ausência de resposta sim/não de Miguelito;
- e) no emprego de “aí” como conjunção.

Comentários:

- a) Gíria é termo característico da linguagem informal com vocabulário rico em expressões metafóricas, jocosas, elípticas e mais efêmeras que as da língua tradicional. A palavra “idiota” não é gíria. Questão incorreta.
- b) A utilização de um nome no diminutivo não faz a característica ser coloquial, pois é usada em um nome próprio de uma criança. Questão incorreta.
- c) O emprego do tratamento você não é considerado coloquial, especialmente entre amigos. Poderia ser até considerado “informal” ou “inadequado” se o locutor se referisse a um Juiz de Direito, numa audiência, por exemplo. Porém, esta não é a situação em tela. Além disso, a palavra “você”, no contexto, não se refere especificamente a Mafalda, se refere a um sujeito universal, genérico, alguém não especificado. Tem sentido de qualquer pessoa. Questão incorreta.
- d) A ausência de resposta sim/não de Miguelito não configura coloquialismo. Ele apenas optou por responder “acabei de ligar”, o que atende à intenção de responder a pergunta sobre haver ou não algo de bom na TV. Na fala espontânea, respostas literais como sim/não soam um pouco “robóticas”.
- e) O emprego de “aí” como conjunção é considerado marca de oralidade, pois “aí” é originalmente um advérbio de lugar. No contexto, ele é usado como conjunção temporal, numa

expressão típica da fala. Observe como as crianças usam “aí” para dizer que uma coisa aconteceu após a outra. Gabarito letra E.

16. (SAEP-PR–Matriz de Referência – 2016)

A literatura da era digital

A internet tem sido um veículo de extrema importância para a divulgação dos escritores das novas gerações, assim como dos autores de épocas em que os únicos meios de acesso à leitura eram o livro e os jornais. Hoje, com todo o advento da tecnologia, os leitores de diversas faixas etárias e de qualquer parte do mundo podem acessar e fazer o download gratuito de uma infinidade de livros [...]. Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção, muitas vezes injusta, das editoras. Portanto, a internet tem se tomado um espaço facilitador que acaba por redimensionar a literatura em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, até escritores consagrados disponibilizam seus textos na internet, pois têm consciência de que a acessibilidade dos leitores ao mundo virtual é muito grande, apesar de o mercado editorial americano ser também um monstruoso veículo de divulgação da literatura. Nos países da Europa, apesar da enorme quantidade de livrarias e bibliotecas e de todas as leis de incentivo à publicação que barateiam o preço dos livros, os escritores não hesitam em publicar suas obras pela web, porque sabem que lá também estão os seus leitores. [...]

Nesse texto, o uso de palavras como “web”, “download”, “internet” são típicas da linguagem:

- a) coloquial.
- b) formal.
- c) jornalística.
- d) técnica.

Comentários:

Este item avalia a habilidade de reconhecer marcas linguísticas que identificam diferentes variantes em circulação em nosso meio social. O suporte é um fragmento de um artigo.

a) Tais termos são de origem estrangeira, mas já foram amplamente incorporados à língua, inclusive, são dicionarizados. Quem optou pela **letra A** pode ter acreditado que, por serem formas correntes na linguagem atual, pertenceriam à linguagem coloquial.

b) O texto até pode ser formal, mas não foi essa a pergunta. As palavras destacadas não são “típicas” de um texto formal, ou seja, não são indícios puros de que um texto usa a linguagem formal. Em outras palavras, quem optou pela **letra B** pode ter avaliado o texto de forma global, não atentando para as palavras em destaque.

C) Quem optou pela **letra C** pode ter sido influenciado pela menção da fonte do texto. O fato de o texto ser retirado de uma revista, não faz necessariamente com que as palavras destacadas sejam típicas de um texto jornalístico.

d) O tema do texto é a literatura da era digital. O vocabulário utilizado é técnico, pois traz termos típicos do ramo da informática, especificamente da *internet*. Gabarito letra d.

17. (PREFEITURA DE CUIABÁ / CONDUTOR / 2016)

A novela

Considerar a telenovela um produto cultural alienante é um tremendo preconceito da universidade. Quem acha que novela aliena está na verdade chamando o povo de débil mental. Bobagem imaginar que alguém é induzido a pensar que a vida é um mar de rosas só por causa de um enredo açucarado. A telenovela brasileira é um produto cultural de alta qualidade técnica, e algumas delas são verdadeiras obras de arte.

Ela é educativa no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado. Na década de 70, os autores faziam isso de maneira mais sutil. Nos dias atuais, sem censura, as discussões podem ser mais abertas.

Entre as palavras escritas no texto 2, aquela que é bastante informal ou popular é

- a) "produto"
- b) "telenovela"
- c) "bobagem"
- d) "sutil"
- e) "enredo"

Comentários:

No sentido em que aparecem no texto, *sutil*, *enredo*, *produto* e *telenovela* são termos formais. Quando a banca diz que quer a alternativa "*bastante* informal ou *popular*" também dá um sentido de palavra que seja mais utilizada, mais produtiva na língua.

A palavra "bobagem", por sua vez, é informal, tem raiz em "bobo" que também tem uso informal.

Gabarito letra C.

18. (DPE-RO / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)

Indique a frase em que a utilização do pronome pessoal é típica da linguagem coloquial:

- a) Foi-se deitar às sete horas da noite;
- b) Encontrou elas na saída do shopping;
- c) Ele estava descrevendo-se pior do que era;
- d) Ele se estava descrevendo pior do que era;
- e) Ele e ela se distanciaram do grupo.

Comentários:

A gramática normativa, ensinada nas escolas e cobrada em concursos, é baseada fortemente na linguagem culta e literária de Portugal. Desse modo, não reflete as práticas linguísticas do falante brasileiro. O uso dos pronomes é um bom exemplo: é pouco natural na língua oral o uso do pronome oblíquo átono "o" como objeto direto. Embora a gramática prescreva "eu as encontrei" e assim deva ser escrito, na linguagem coloquial costuma-se dizer: "eu encontrei elas".

Foi-se deitar às sete horas da noite;

Esse “se” é para dar ênfase, é expletivo, pode até ser retirado, sem prejuízo do sentido.

Encontrou elas na saída do shopping;

Esse “se” é um pronome reflexivo, não é coloquial.

Certo. Esse “elas” é um pronome reto no papel de objeto. A regra prescreve o uso de pronome oblíquo: “Encontrou-as”. Na linguagem falada, isso soaria altamente formal e pomposo, pedante até. Por isso, o pronome reto é mais natural e típico da informalidade, situação em que não há tanto rigor gramatical.

Ele se estava descrevendo pior do que era;

Esse “se” é um pronome reflexivo, não é coloquial. Como não havia palavra atrativa, a colocação pronominal era livre nessa sentença.

Ele e ela se distanciaram do grupo.

Esse “se” é um pronome reflexivo, não é coloquial. Gabarito letra B.

19.(TJ-RJ / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2016)

TEXTO 2

Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa.

O segmento do texto 2 que mostra variação culta de linguagem, sem traços de informalidade ou oralidade é:

- a) “mantém em sincronia com os demais veículos lá fora”;
- b) “o que temos agora é uma verdadeira sala de estar”;
- c) “Mas ninguém liga pra ele”;
- d) “está cheio de novidades bem mais legais”;
- e) “assistindo ao seu seriado preferido”.

Comentários:

A linguagem falada coloquial se utiliza de elementos contextuais, como podemos observar em “lá fora”. No ato da fala, fica claro a que local “lá fora” se refere. Na linguagem escrita, seria necessário reconstruir esse contexto. A expressão “ninguém liga para ele” também tem traço de oralidade, pois é informal e metafórica: “ligar” é expressão figurada para “dar atenção”. O adjetivo legal, no seu sentido formal, quer dizer “de acordo com a lei”. No contexto, é utilizado com sentido afetivo figurado de “bom”, “interessante”, “atraente”... O termo “verdadeira sala

de estar” também traz vestígio de informalidade, pois é figurado, descontraído, uma “força de expressão”. Somente na letra e encontramos uma sentença formal, com respeito à norma de regência verbal correta “assistir a” com sentido de ser espectador. A expressão “seriado preferido” não tem vestígios de informalidade ou de metáfora descontraída, é um sintagma nominal literal. Gabarito letra E.

20. (SEDUC-AM / PROFESSOR / 2014)

Assinale a opção que indica a característica que marca a língua escrita e não a língua falada.

- a) O receptor está ausente, o que impede o progressivo refinamento do enunciado diante de dificuldades.
- b) O referente também envolve a situação, provocando ausência de alusões claras a esse referente.
- c) As conexões entre as frases é menos explícita, com presença de conectores como então, aí etc
- d) As repetições são frequentes, assim como as omissões, esquecimentos, desvios etc.
- e) Vocabulário mais reduzido.

Comentários:

Na linguagem falada, o interlocutor está presente e influencia na composição do enunciado. Pode interromper, tirar dúvidas, tomar a palavra, fazer expressão facial de que não está entendendo e, assim, permitir que o locutor se explique melhor, ou seja, “refine seu enunciado”. Na linguagem escrita, o texto é feito sem a participação do leitor, que só terá acesso a um texto pronto.

Nas demais opções, estão características da linguagem oral:

- b) O referente também envolve a situação, provocando ausência de alusões claras a esse referente, como em expressões como aqui, lá, hoje, eles, isso...
- c) Na fala, as relações sintáticas são mais “frouxas”, há fragmentos, período começa com um sujeito e termina com outro. As conexões entre as frases é menos explícita, com presença de conectores como então, aí etc.
- d) É característica da linguagem fala a redundância. As repetições são frequentes, assim como as omissões, esquecimentos, desvios etc.
- e) Pela possibilidade de referência a elementos visíveis no contexto, o vocabulário é mais reduzido.

Dessa forma, o gabarito é letra A.

21. (CEFET-RJ / REVISOR DE TEXTOS / 2014)

Texto IV

Entrevistadora: e::... André... eu queria que ago/... agora que você me contasse uma história... que tenha acontecido com você... e que você tenha achado engraçada... ou triste... ou constrangedora...

- 5 **Informante:** bem... ah:: o fato engraçado foi a partir da data de hoje... né? seis de agosto de mil novecentos e noventa e três... é que eu cheguei em torno de::... nove horas no::... no meu antigo estágio... na Light... que é na Presidente Vargas... meia quatro dois...
10 décimo quarto andar... e:: chegando lá... como... entrou um novo estagiário...

CORPUS Discurso&Gramática – UFRJ. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2014.

O diálogo do Texto IV se dá entre uma entrevistadora e um informante jovem de nível superior.

Na sua reescritura, com base na norma-padrão, em que fossem retiradas as marcas de oralidade, pode ser mantida apenas a seguinte palavra ou expressão:

- a) bem (L. 5)
- b) ah: : (L. 5)
- c) né? (L. 6)
- d) é que (L. 7)
- e) em torno de (L. 7-8)

Comentários:

As palavras “bem”, “ah”, “né?”, “é que” são marcadores conversacionais, isto é, expressões típicas da língua falada que desempenham função interacional na conversa. São palavras que estão fora do fluxo sintático da sentença, mas são reflexos da hesitação e da estrutura não planejada da língua.

Também são exemplos: “nossa”, “ué”, “bem”, “então”, “aí”, “bom”, “pois é”, “mas”, “hein?”, “entendeu?”, “pois bem”.

A expressão “em torno de” não é típica da linguagem oral e pode ser facilmente encontrada na língua escrita e formal. Observe que até destoa um pouco do tom espontâneo do diálogo. Por essa razão, o gabarito é letra E.

22. (FUNARTE / CONTADOR / 2014)

Brasileiro, Homem do Amanhã (Paulo Mendes Campos)

Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo. Brasileiro até demais. Colunas da brasilidade, as duas colunas são: a capacidade de dar um jeito; a capacidade de adiar.

A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso.

Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta, uma diretriz fundamental. Não, é mais, é bem mais forte do que qualquer princípio da

vontade: é um instinto inelutável, uma força espontânea da estranha e surpreendente raça brasileira.

Para o brasileiro, os atos fundamentais da existência são: nascimento, reprodução, procrastinação e morte (esta última, se possível, também adiada).

Adiamos em virtude dum verdadeiro e inevitável estímulo inibitório, do mesmo modo que protegemos os olhos com a mão ao surgir na nossa frente um foco luminoso intenso. A coisa deu em reflexo condicionado: proposto qualquer problema a um brasileiro, ele reage de pronto com as palavras: logo à tarde, só à noite; amanhã; segunda-feira; depois do Carnaval; no ano que vem.

Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham. Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêssames, o conserto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo. Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós. Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil.

Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá. Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: "Se eu morresse amanhã!". Como se vê, nem os românticos aceitavam morrer hoje, postulando a Deus prazos mais confortáveis.

Sim, adiamos por força dum incoercível destino nacional, do mesmo modo que, por obra do fado, o francês poupa dinheiro, o inglês confia no Times, o português adora bacalhau, o alemão trabalha com um furor disciplinado, o espanhol se excita com a morte, o japonês esconde o pensamento, o americano escolhe sempre a gravata mais colorida.

O brasileiro adia, logo existe.

A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico. A verdade é que já está nos manuais. Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra. Entre poucos endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico:

Palavras

Hier: ontem

Aujourd'hui: hoje

Demain: amanhã

A única palavra importante é "amanhã".

Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem.

A linguagem coloquial aparece seguidas vezes no texto. O segmento que a exemplifica é:

a) *"A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico";*

- b) *"Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";*
- c) *"Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem";*
- d) *"A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso";*
- e) *"Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá".*

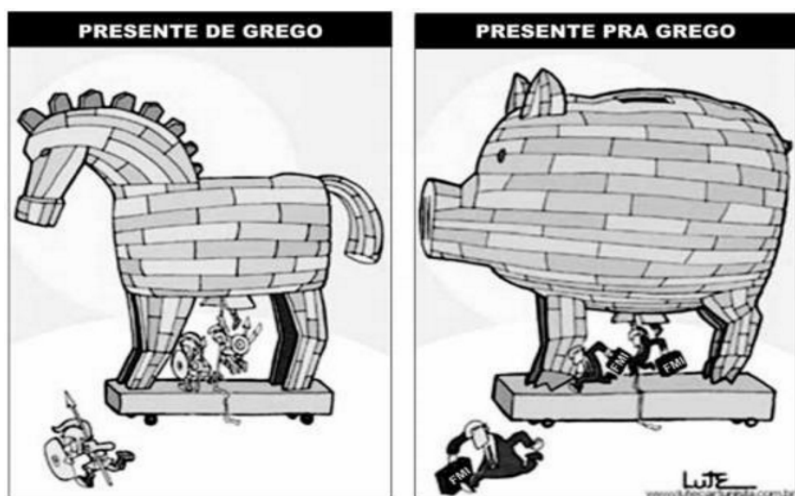
Comentários:

O exemplo de "marca coloquial" presente na questão é o marcador conversacional "ora", típico da fala. Além disso, há teor descontraído e figurado em "agarrou-nos pela perna". Não foi uma "perna literal" que foi agarrada. O sentido é de "pegou", nos deixou "sem escapatória".

Geralmente, palavras como "aqui" e "lá" são utilizadas para se referir ao contexto visível aos participantes daquela conversa, de modo que são considerados marcas da linguagem oral, pois o ouvinte saberia pelo contexto a que lugar se refere "aqui" e "lá". Num texto escrito, isso até poderia ocorrer, mas esse contexto deveria ser recriado, para que o leitor desse significado a essas palavras.

É exatamente o que ocorre aqui na questão, pelo título e conteúdo do texto sabe-se que o "aqui" se refere ao Brasil. A palavra "lá" por sua vez, não pode ser considerada marca oral pois também é claramente identificada: é referência à palavra usada no poema de Gonçalves Dias. Gabarito letra C.

23.(BACEN / TÉCNICO / 2013)



Internet: <http://economidiando.blogspot.com.br>.

Em relação ao texto apresentado acima, julgue os itens seguintes.

Em "*PRESENTE PRA GREGO*", o emprego da forma prepositiva "*pra*" é inadequado, dado o grau de formalidade do texto.

Comentários:

De fato, as reduções e contrações de palavras são marcas de oralidade o coloquialismo. Porém, não há que se falar em inadequação ao grau de formalidade do texto, pois trata-se de uma tirinha humorística. O contexto é informal e, portanto, é adequado o uso da contração da preposição “para”. Questão incorreta.

24.(FUNDAÇÃO PRÓ-SANGUE / 2013)

Até 73% dos erros cometidos em hospitais no país são evitáveis

Até 73% dos erros que acontecem dentro de hospitais brasileiros, como medicações trocadas ou operação de membros errados, poderiam ser evitados.

É o que apontam estudos da Fiocruz apresentados no QualiHosp (congresso de qualidade em serviços de saúde) e que ajudaram o Ministério da Saúde a criar novas normas de segurança hospitalar que passam a valer a partir de 2014.

As pesquisas, feitas em dois hospitais públicos do Rio, encontraram uma incidência média de 8,4% de eventos adversos, semelhante aos índices internacionais.

No Brasil, no entanto, é alto o índice de problemas evitáveis: de 66,7% a 73%. Em outros países, a incidência variou de 27% (França) a 51% (Austrália). Em números absolutos, isso significa que, em 2008, dos 11,1 milhões de internados no SUS, 563 mil foram vítimas de erros evitáveis.

Para Walter Mendes, pesquisador da Fiocruz e consultor do comitê do programa de segurança do paciente, embora haja limitações metodológicas ao extrapolar os resultados para o resto do país, os estudos indicam a magnitude do problema.

"É um quadro barra pesada. Nos países desenvolvidos, existem políticas de segurança bem consolidadas. Aqui estamos acordando com um pouco de atraso", diz ele.

A linguagem do pesquisador pode ser caracterizada como

- a) formal
- b) coloquial
- c) regional
- d) erudita
- e) técnica

Comentários:

O texto é longo, mas a fala do pesquisador só aparece no final.

*"É um quadro **barra pesada**. Nos países desenvolvidos, existem políticas de segurança bem consolidadas. **Aqui estamos acordando** com um pouco de atraso", diz ele.*

O texto pode ser classificado como coloquial porque tem características da oralidade, como o uso da expressão figurativa informal “barra pesada” e da palavra “aqui”, que se refere a elementos contextuais não escritos (o local onde ele falou). Também o termo “acordando” está sendo utilizado em sentido figurado, como sinônimo de “tomando consciência de um fato”. Gabarito letra B.

25.(CEFET RJ / ASSISTENTE / 2014)

Escrever é fácil?

Para estimular crianças e jovens a escrever, há quem diga que escrever é fácil: basta pôr no papel o que está na cabeça. Na maioria das vezes, porém, este estímulo é deveras desestimulante.

Há boas explicações para o desestímulo: se apessoa não consegue escrever, convencê-la de que escrever é fácil na verdade a convence apenas da sua própria incompetência, a convence apenas de que ela nunca vai conseguir escrever direito; não se escreve pondo no papel o que está na cabeça, sob pena de ninguém entender nada; quem escreve profissionalmente nunca acha que escrever é fácil, nem mesmo quando escreve há muito tempo — a não ser que já escreva mecanicamente, apenas repetindo frases e fórmulas.

Via de regra, nosso pensamento é caótico: funciona para alimentar nossas decisões cotidianas, mas não funciona se for expresso, em voz alta ou por escrito, tal qual se encontra na cabeça. Para entender o nosso próprio pensamento, precisamos expressá-lo para outra pessoa. Ao fazê-lo, organizamos o pensamento segundo um código comum e então, finalmente, o entendemos, isto é, nos entendemos. Não à toa o jagunço Riobaldo, personagem do escritor Guimarães Rosa, dizia: professor é aquele que de repente aprende.

Todo professor conhece este segredo: você entende melhor o seu assunto depois de dar sua aula sobre ele, e não antes. Ao falar sobre o meu tema, tentando explicá-lo a quem o conhece pouco, aumento exponencialmente a minha compreensão a respeito. Motivado pelas expressões de dúvida e até de estupor dos alunos, refino minhas explicações e, ao fazê-lo, entendo bem melhor o que queria dizer. Costumo dizer que, passados tantos anos de profissão, gosto muito de dar aula, principalmente porque ensinar ainda é o melhor método de estudar e compreender.

Ora, do mesmo jeito que ensino me dirigindo a um grupo de alunos que não conheço, pelo menos no começo dos meus cursos, quem escreve o faz para ser lido por leitores que ele potencialmente não conhece e que também não o conhecem. Mesmo ao escrever um diário secreto, faço-o imaginando um leitor futuro: ou eu mesmo daqui a alguns anos, ou quem sabe a posteridade. Logo, preciso do outro e do leitor para entender a mim mesmo e, em última análise, para ser e saber quem sou.

Exatamente porque esta relação com o outro, aluno ou leitor, é tão fundamental, todo professor sente um frio na espinha quando encontra uma nova turma, não importa há quantos anos exerça o magistério. Pela mesma razão, todo escritor fica “enrolando” até começar um texto novo, arrumando a escrivinha ou vagando pela internet, não importa quantos livros já tenha publicado. Pela mesmíssima razão, todo aluno não quer que ninguém leia sua redação enquanto a escreve ou faz questão de colocá-la debaixo da pilha de redações na mesa do professor, não importa se suas notas são boas ou não na matéria.

Escrever definitivamente não é fácil, porque nos expõe no momento mesmo de fazê-lo. [...] Quem escreve sente de repente todas as suas hesitações, lacunas e omissões, percebendo como o seu próprio pensamento é incompleto e o quanto ainda precisa pensar. Quem escreve de repente entende o quanto a sua própria pessoa é incompleta e fraturada, o quanto ainda precisa se refazer, se inventar, enfim: se reescrever.

Ao longo do texto, há marcas de linguagem que indicam uma aproximação, uma espécie de diálogo, que o autor estabelece com aqueles que estão lendo seu texto.

Um trecho que contém uma dessas marcas de linguagem é:

- a) “Na maioria das vezes, porém, este estímulo é deveras desestimulante.” (L. 2-3)
- b) “Ao fazê-lo, organizamos o pensamento segundo um código comum” (L. 14-15)

- c) "Todo professor conhece este segredo:" (L. 19)
- d) "Ao falar sobre o meu tema, tentando explicá-lo" (L. 20-21)
- e) "do mesmo jeito que ensino me dirigindo a um grupo de alunos" (L. 27)

Comentários:

Ao contrário da linguagem falada, é mais difícil estabelecer contato com o interlocutor em um texto escrito, uma vez que este leitor não estará presente durante a elaboração do texto. Ainda assim, há marcas de diálogo com o leitor num texto escrito. Na letra b, o autor usa o verbo na primeira pessoa do plural, conjugamos, que tem sujeito desinencial "nós" organizamos o pensamento segundo um código comum. Dessa forma, ele inclui o leitor no escopo de suas considerações, dialogando com ele. Nós significa "eu" e "você leitor". Gabarito questão B.

26.(CÂMARA DOS DEPUTADOS / ANALISTA / 2012)

1 É verdade que quase todo mundo tem suas
preferências, detesta algumas construções, prefere a pronúncia
de alguma região etc. Mas o linguista precisa manter uma
4 atitude científica, com atenção constante às realidades da
língua e total respeito por elas. Se ele verifica que as pessoas
dizem frases como "Se você ver ela, fala com ela pra me
7 telefonar", precisa reconhecer essa construção como legítima
na língua. Por outro lado, em um texto escrito, ele
provavelmente encontraria outra frase, que igualmente precisa
10 ser reconhecida. As duas coexistem, cada qual no seu contexto.
O linguista, cientista da linguagem, observa a língua como ela
é, não como algumas pessoas acham que ela deveria ser.
13 Condenar uma construção ou uma palavra ocorrente como
incorreta é mais ou menos como decretar que é "errado" que
aconteçam terremotos. Eles acontecem, e um cientista não tem
16 remédio senão reconhecer os fatos. O objetivo dos linguistas é
descrever e explicar, e não, prescrever formas certas e proibir
formas erradas. Para nós, "certo" é aquilo que ocorre na língua.

Mário A. Perini. Gramática do português brasileiro. São Paulo:
Parábola Editorial, 2010, p. 20-1 (com adaptações).

Julgue os itens subsequentes, relativos ao texto acima.

De acordo com o texto, em uma análise científica de construções linguísticas, deve ser considerada a adequação à situação em que tais construções foram empregadas.

Comentários:

O autor aponta que há uma linguagem da fala e outra da escrita e que ambas ocorrem num contexto específico e, portanto, são legítimas:

"o linguista precisa manter uma atitude científica, com atenção constante às realidades da língua e total respeito por elas. Se ele verifica que as pessoas dizem frases como "se você ver ela, fala com ela pra me telefonar", precisa reconhecer essa *construção como legítima*. Por outro lado, em

um texto escrito, ele provavelmente encontraria outra frase, que *igualmente precisa ser reconhecida. As duas coexistem, cada qual no seu contexto.*" Questão correta.

27.(COMPESA / ANALISTA DE GESTÃO / 2016)

Assinale a frase em que a expressão "a gente" não exemplifica a variante coloquial de linguagem.

- a) "Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse".
- b) "É uma grande obra arquitetônica e a gente que passa por lá fica impressionada com a grandeza da obra".
- c) "Um cadáver é o produto final. A gente é apenas a matéria-prima".
- d) "A morte impede a gente de viver, não de morrer".
- e) "Não há nada novo sob o sol, mas há muitas coisas velhas que a gente não conhece".

Comentários:

A expressão "a gente", como substituta da primeira pessoa do plural (nós), é típica da variante coloquial da língua. Observe, contudo, que na letra B, "a gente" não é utilizada como "nós": funciona como sinônimo de "as pessoas", "os transeuntes". Portanto, nesse caso, não tem caráter informal. Gabarito letra B.

28.(UFPB / ADMINISTRADOR / 2016)

"Vivemos num mundo com acesso a todo tipo de informação de diversas maneiras."

Acerca das estruturas linguísticas do trecho destacado, analise e assinale a afirmativa correta.

Sabendo-se que o termo "num" se trata de uma contração, sua substituição por "a um" estaria correta e adequada de acordo com a norma padrão da língua, possuindo um aspecto erudito da linguagem.

Comentários:

Veja bem, de fato, a linguagem informal tende a "desviar" da regência prevista pelas gramáticas. Por exemplo, os verbos "ir" e "chegar" pedem a preposição "a": Vou/Cheguei à casa de meus pais; Vou/Cheguei ao mercado. No entanto, na prática oral, as pessoas dizem "cheguei em casa", "vou no mercado". Dessa forma, quando alguém diz, numa conversa informal, "preciso voltar a casa", soa erudito, soa estranho e artificial.

Pois bem, isso nem sempre acontece: "viver" é um verbo que é acompanhado pela preposição "em", seja em qualquer nível de formalidade. Não podemos dizer que "viver a Brasília" é forma erudita de "viver em Brasília". Trata-se simplesmente de uma regência sem sentido.

Acrescento também que nem toda contração é considerada informal: "num" e "donde", por exemplo, são bastante formais, ao passo que "pra" é coloquial. Questão incorreta.

29.(UFPB / ADMINISTRADOR / 2016)

"Quem não se comunica se trumbica"

Esta frase é do Chacrinha, um dos mais famosos apresentadores da televisão brasileira, falecido em 1988. Só que não! A frase, na verdade, é de Péricles do Amaral, que a “deu” para que Chacrinha a usasse em seus programas na TV. Mas hoje, enquanto Chacrinha se eternizou como personagem integrante da história da TV brasileira, Péricles – uma das maiores referências do rádio carioca e autor de novelas radiofônicas, além de forte atuação como redator de TV em diversos canais – que faleceu em 1975, é pouco conhecido do grande público.

Essa confusão exemplifica a relação que temos hoje com a informação e a comunicação. Vivemos uma era de alta tecnologia da informação. Mas informação e comunicação não significam necessariamente a mesma coisa. Vivemos num mundo com acesso a todo tipo de informação de diversas maneiras. Só que excesso de informação também pode gerar ruído – em comunicação, “ruído” é qualquer elemento que interfere no processo de transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor.

Não basta haver a capacidade de informar se não houver o desejo de se comunicar. Ou o desejo de compreender e ser compreendido pelo interlocutor. Para esse processo de troca de ideias funcionar, saber escrever corretamente é condição necessária, mas não suficiente. O que vemos hoje com alguma frequência (especialmente em redes sociais) são pessoas querendo impor suas ideias, mas sem querer compreender ideias diferentes. Ou mesmo modos diferentes de se expressar. [...]

O emprego da expressão de caráter coloquial “Só que não!” representa

- a) a expressão da identidade de um grupo específico, público-alvo do texto em análise.
- b) a ocorrência de um grau de formalismo característico de uma linguagem não fragmentária.
- c) uma exemplificação de parte da argumentação expressa no último parágrafo do texto transcrito.
- d) uma inadequação linguística proposital do autor do texto cujo objetivo é despertar o interesse do leitor pelo assunto discutido.

Comentários:

A expressão “só que não” é típica da linguagem informal e permeia as diversas mídias digitais (muitas vezes abreviada como “sqn”), típicas dessa nova geração cada vez mais engajada em interação *on line*. O tema do texto é justamente este: *a relação que temos hoje com a informação e a comunicação. Vivemos uma era de alta tecnologia da informação*. Logo, o uso de “só que não” é **adequado** ao público-alvo desse texto, isto é, o público que se identifica nesse grupo que tem acesso a muita informação, mas se comunica pouco.

Acrescento, que “só que não”, de fato, é uma “estrutura fragmentária”, pois não tem construção completa, com sujeito, verbo, complemento, etc. Porém, a estrutura fragmentária é mais *típica da linguagem falada ou escrita informal*, em que o contexto supre as lacunas sintáticas. Gabarito letra A.

30.(DETRAN-RO / AGENTE / 2014)

Quanto ao nível de formalismo da linguagem, assinale o trecho do texto que apresenta características de uma linguagem coloquial.

- a) “Dezenas de aplicativos de celular [...]”
- b) “[...] a nova onda de soluções móveis [...]”

- c) “[...] solicitam e oferecem caronas a desconhecidos.”
- d) “[...] conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.”
- e) “A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado [...]”

Comentários:

O único indício de linguagem coloquial é a expressão “a nova onda”, típica da oralidade, com sentido de “moda”, algo que está em evidência. De fato, esse sentido figurado é característica de uma linguagem coloquial. Gabarito letra B.

31.(COREN-MA / CONTADOR / 2013)

“... estavam de olho em todas as nossas ações, prontos para criticar nossas atitudes e ferrar com nossa felicidade.”

O excerto anterior contém um exemplo de linguagem:

- a) regional.
- b) denotativa.
- c) pejorativa.
- d) coloquial.
- e) padrão.

Comentários:

As expressões “estar de olho” e “ferrar com nossa felicidade” são coloquiais, não dependem da região e sim do nível de formalidade. Gabarito letra D.

32.(FUNTELPA / ADMINISTRADOR / 2010)

“Relacionamento em redes sociais não é como campanha, que tem começo e fim. É um trabalho que não possui prazo para terminar, o que é muito positivo – assim espera-se, visto que ainda não sabemos como será o comportamento dos hoje candidatos, amanhã eleitos...”

No parágrafo anterior verifica-se o emprego de:

- a) Linguagem padrão.
- b) Linguagem conotativa.
- c) Linguagem técnico-científica.
- d) Linguagem conotativa em um texto com características jornalísticas.
- e) Linguagem denotativa em um texto didático científico.

Comentários:

A linguagem utilizada é padrão: há respeito pelas regras de pontuação, concordância, adequação vocabular, nível formal, denotativa, literal. Não há sentido figurado, então não podemos dizer que é linguagem conotativa. O teor também não tem conteúdo técnico ou científico específico de nenhuma área do conhecimento. Portanto, nosso gabarito é letra A.

33.(CODEM-PA / ADVOGADO / 2017)

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, e em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça, e você expressou a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou eu só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo lembra-me a minha meiga Carolina.

Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho

Machado de Assis (Adaptado de <http://bagagemclandestina.blogspot.com.br/2008/08/meu- caro-nabuco.html>)

A linguagem utilizada no texto é

- a) predominantemente coloquial.
- b) predominantemente jornalística.
- c) mistura proporcionalmente linguagem coloquial e formal.
- d) predominantemente argumentativa.
- e) predominantemente formal.

Comentários:

- a) De plano, devemos eliminar a letra A, por termos um texto de Machado de Assis, escrito com plena observância da norma culta. A linguagem coloquial é típica da fala, mais livre, informal, solta, sem tanto policiamento em relação às regras da norma culta.
- b) Não há nada de jornalístico, temos uma carta de Machado de Assis a Nabuco, agradecendo pelo telegrama que este enviara por ocasião da morte de Carolina, esposa de Machado de Assis.
- c) Embora seja uma carta entre amigos, a linguagem de Machado de Assis é formal e solene.
- d) Não há tentativa de argumentação, de convencimento. Apenas agradecimento e um breve registro da dor que Machado sente pela perda da mulher.
- e) Aqui está nossa resposta. Predomina no texto uma linguagem formal. Gabarito letra E.

D) São corretas apenas as afirmativas 1, 4 e 5.

E) São corretas apenas as afirmativas 3, 4 e 5.

3. (PREF. DE TEIXEIRAS (MG) / PSICÓLOGO / 2019)

Leia o trecho a seguir.

"Eu fiz promessa

Pra que Deus mandasse chuva

Pra crescer a minha roça

E vingar a criação

Pois veio a seca

E matou meu cafezal

Matou todo o meu arroz

E secou meu argodão

Nesta colheita

Meu carro ficou parado

Minha boiada carreira

Quase morre sem pastar

Eu fiz promessa

Que o primeiro pingo d'água

Eu moiava a frô da santa

Que tava em frente do altar"

Sobre a linguagem utilizada nesse texto, é correto afirmar:

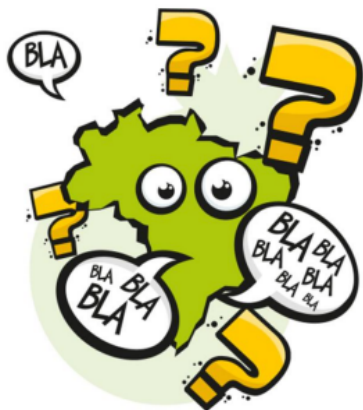
A) Há divergência em relação à concordância verbal apregoada pela norma-culta em: "Pois veio a seca / E matou meu cafezal / Matou todo o meu arroz / E secou meu argodão".

B) Observa-se a predominância de uma variante formal da língua portuguesa, com presença de expressões típicas do dialeto caipira do português brasileiro.

C) A escrita das palavras "argodão", "moiava" e "frô" intenciona emular a pronúncia dessas palavras observada em uma variação linguística regional do português brasileiro.

D) Os desvios ortográficos e sintáticos observados no texto influenciam em sua semântica, o que prejudica o entendimento do leitor e diminui a capacidade comunicativa do texto.

4. (DPE-RO / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)



A charge poderia ser ilustração do seguinte item do conteúdo programático desta prova:

- a) variação linguística;
- b) marcas de textualidade;
- c) língua falada e língua escrita;
- d) redação oficial;
- e) o esquema da comunicação linguística.

5. (PREF. DE FORTALEZA (CE) / 2016)

Quanto à questão da variação linguística, é incorreto afirmar que:

- a) a variação linguística é característica das línguas humanas.
- b) a variação linguística acontece em todos os níveis.
- c) a variação linguística originou-se na Antiguidade.
- d) a variação linguística sempre existiu.

6. (PREF. DE BELO HORIZONTE (MG) / PROFESSOR / 2015)

"Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que elas não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é 'certo' e o que é 'errado', sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de 'preconceito positivo', que também se afasta da realidade."

(BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.)

Tendo em vista as ideias de Marcos Bagno e os preceitos da Sociolinguística, só NÃO se constitui mito sobre a língua a ideia presente em:

A) “A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo.”

B) “A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre ‘o que se deve e o que não se deve falar e escrever’, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.”

C) “É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra.”

D) “Quanto mais progressiva é a civilização de um povo, mais sujeita é a sua língua a deturpações e vícios, sob a variada influência das relações internacionais, dos novos inventos, das travancas da ignorância, e até dos caprichos da moda. [...]”

7. (CÂMARA DO RIO DE JANEIRO (RJ) / ANALISTA / 2015)

Texto IV: Preconceito linguístico ou social?

Faz algum tempo que venho me dedicando ao estudo do preconceito linguístico na sociedade brasileira. A principal conclusão que tirei dessa investigação é que, simplesmente, o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e “politicamente incorreto” (lembrando que o discurso do “politicamente correto” é quase sempre pura hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade”, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical. Por que será que é assim?

Bagno, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. P.15,16.
Fragmento

Lê-se, no texto de Bagno, que “o preconceito linguístico não existe”. Essa afirmação é utilizada para explicitar a ideia de que no Brasil, hoje:

- A) a tolerância é maior do que no passado.
- B) a discriminação racial é maior que a linguística.
- C) a discriminação linguística é generalizada.
- D) as minorias lutam por seus direitos civis.

8. (MPE-RJ / ANALISTA PROCESSUAL / 2016)

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável."
(moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPLs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autosegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, Scripta Nova)

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro".

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

- a) segmentos desconexos: "não tem";
- b) formas reduzidas: "tá de pessoa para pessoa";
- c) explicações desnecessárias: "com dinheiro, sem dinheiro";
- d) mistura de tratamento: "se eu te conheço ou se eu não te conheço";
- e) erros gramaticais: "me irritou na rua".

9. (TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016)



A linguagem verbal empregada na charge mostra:

- a) desvios da norma culta;
- b) traços de regionalismo;
- c) marcas de linguagem coloquial;
- d) sinais de linguagem formal;
- e) aspectos de uma linguagem arcaica.

10. (SEDU-ES / PROFESSOR / 2016)

Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.

(SARAMAGO, José. Disponível em: <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/95061.html> . Acesso em 23/03/2014)

No texto acima, verifica-se que o emprego da preposição em “a 18” é indicativo da variedade linguística

- a) histórica, que se refere à dinamicidade da língua, que muda permanentemente com os seus falantes.
- b) social, que depende do contexto de comunicação, de quem são os interlocutores e seus objetivos.
- c) relativa à faixa etária: crianças, jovens, adultos e velhos podem ter um vocabulário diverso.
- d) geográfica, pois se refere ao uso da mesma língua em diferentes países.
- e) de registro, relacionada ao maior grau de informalidade entre os interlocutores.

11. (DPO-RR / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)

“A gente não sabe bem por onde vai porque tem muitos obstáculos no caminho; para mim decidir, só entre eu e você, tenho que consultar minha mãe, já que ela conhece tudo por aqui!”

Nesse segmento de texto há uma série de marcas de uma variedade linguística popular: a apreciação inadequada sobre um dos componentes do texto é:

- a) emprego de “a gente” em lugar de “nós”;
- b) emprego do verbo “ter” em lugar de “haver”;
- c) emprego de “mim” em lugar de “eu” em “para mim decidir”;
- d) emprego de “eu” em lugar de mim, em “entre eu e você”;
- e) emprego de “conhece tudo” em lugar de “conhece de tudo”.

12. (CAIXA ECONÔMICA / ENGENHEIRO / 2013)

A lua da língua

Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações do expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova, ou a língua das aeromoças em seus avisos mecanicamente fundamentais.

Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra tarde fica mais triste e morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua minguinha. E, por ser já meio escuro, o mundo perde a nitidez. Calar, a tarde não se cala, mas diz menos do que veio a dizer. É a que frequenta os cartões de namoro, as confissões, as brigas e os gritos, ou a atenção desajeitada das palavras num velório, ou nos sussurros namorados ao pé dos muros dos subúrbios.

E tem a língua que em si mesma anoitece, quando o escuro espatifa o sentido. O sol, esfacelado, vira pó. E a linguagem se perde dos trilhos de por onde ir. Tateia, titubeia, tropeça, esbarra em regras, arrasta a mobília das normas. À noite, sonha a nossa língua. No céu da boca as palavras guardam um resíduo de pensamento, e têm a densidade vazia das ideias vagas, condensando-se como nuvens de um céu sem luz. No calor tempestuoso dessas noites de Manuel Bandeira, é possível a bailarina ser feita de borracha e pássaro. Enquanto o poeta Murilo Mendes solta os pianos na planície deserta, tudo é dito distante dos ruídos do dia. Tudo é possível nessa escuridão criativa, existe o verso, existe a canção.

Mais tarde, finda a noite, quando abrimos a boca, a língua amanhece, e de novo a levamos pelos corredores e pelas repartições, pelas galerias e escritórios, valendo-nos dela para o recado simples, a ordem necessária, o atendimento útil. Enquanto não chega a tarde, enquanto não anoitece.

(Adaptado de André Laurentino, *Lições de gramática para quem gosta de literatura*)

O autor refere-se no texto a três línguas, cuja variação se deve, sobretudo,

- a) à classe social do falante, já que esta é marcada pela maior ou menor facilidade de acesso do indivíduo aos bens culturais.
- b) à disposição de espírito e ao humor de cada um de nós, que variam de modo aleatório ao longo das diferentes etapas de nossa vida.

- c) aos mecanismos linguísticos próprios da linguagem verbal, que nada têm a ver com as intenções ou necessidades circunstanciais do usuário.
- d) à diversidade das situações de linguagem, que o autor vê marcadas na sucessão dos diferentes períodos do dia.
- e) ao maior ou menor índice de formalidade com que as pessoas as empregam, cumprindo ou descumprindo as normas gramaticais.

13.(CÂM. DE ARACRUZ / AGENTE LEGISLATIVO / 2016)

Amor de passarinho

Desde que mandei colocar na minha janela uns vasos de gerânio, eles começaram a aparecer. Dependurei ali um bebedouro, desses para beija-flor, mas são de outra espécie os que aparecem todas as manhãs e se fartam de água açucarada, na maior algazarra. Pude observar então que um deles só vem quando os demais já se foram.

Vem todas as manhãs. Sei que é ele e não outro por um pormenor que o distingue dos demais: só tem uma perna. Não é todo dia que costuma aparecer mais de um passarinho com uma perna só.

[...]

Ao pousar, equilibra-se sem dificuldade na única perna, batendo as asas e deixando à mostra, em lugar da outra, apenas um cotozinho. É de se ver as suas passarinhices no peitoril da janela, ou a saltitar de galho em galho, entre os gerânios, como se estivesse fazendo bonito para mim. Às vezes se atreve a passar voando pelo meu nariz e vai-se embora pela outra janela.

"É de se ver as suas passarinhices no peitoril da janela,..." (3º§)

A palavra "passarinhices" deve ser designada como

- a) dialeto.
- b) idiotismo.
- c) neologismo.
- d) regionalismo.

14.(BANESTES / TÉCNICO / 2012)

Diploma garantido

Muitos pais têm contratado planos de previdência para os filhos menores de idade. A diferença é que, ao fazer isso, não estão pensando em investir na aposentadoria dos rebentos, mas sim em oferecer condições para que, ao atingir a maioridade, eles tenham dinheiro para arcar com despesas relacionadas à educação, como uma boa faculdade, um curso de especialização ou um intercâmbio no exterior.

Segundo dados da Federação Nacional de Previdência Privada Vida (FenaPrevi), entidade que reúne empresas do setor, os planos de previdência para menores arrecadaram só no ano passado, 1,7 bilhão de reais – 24% a mais do que em 2010.

Falta de disciplina para fazer os depósitos e saques não programados prejudicam quem quer poupar para o futuro. "A contribuição deve ser encarada como uma despesa da casa, assim

como as contas de água e luz", diz Carolina Wanderley, consultora sênior de previdência privada da empresa de investimentos Mercer. Ou seja, não se deve "pular" o investimento na previdência em meses de dinheiro curto, muito menos usar o montante reservado nela para cobrir despesas acima do normal.

Para contornar imprevistos desse gênero, os especialistas recomendam pedir ao banco que as mensalidades sejam postas em débito automático ou cobradas via boleto e manter um segundo investimento – como uma poupança – destinado a "apagar incêndios".

Apesar de possuir uma linguagem predominantemente formal, o texto apresenta o registro de variante linguística coloquial em

- a) "Muitos pais têm contratado planos de previdência para os filhos menores de idade."
- b) "... como uma boa faculdade, um curso de especialização ou um intercâmbio no exterior..."
- c) "... saques não programados prejudicam quem quer poupar para o futuro."
- d) "... não se deve 'pular' o investimento na previdência em meses de dinheiro curto..."
- e) "... pedir ao banco que as mensalidades sejam postas em débito automático..."

15.(CÂMARA DE MARINGÁ / ASSISTENTE ADMINISTRATIVO / 2017)

Oh! Minas Gerais

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala, ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.

Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E ai pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua siguino toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podií.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do adoçante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocrê procê...

Coisa de mineiro.

Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já “tinha outra”, como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

- Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

ADAPTADO. VILLAS, Alberto. Oh! Minas Gerais. In: Carta Capital. Publicado em 10 fev. 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/oh-minas-gerais>.

Considerando o texto Oh! Minas Gerais, em relação à variedade linguística, assinale a alternativa correta.

a) A variedade predominante é a diatópica, que expressa a diversidade linguística-cultural entre regiões geográficas distintas.

- b) A variedade predominante é a diastrática, em que há a utilização de linguagem escrita e falada.
- c) A variedade dominante é a diafásica, que representa a diversidade linguística-cultural entre classes sociais.
- d) A variedade predominante é a diamésica, em que há a redução no padrão morfológico de realização das palavras.
- e) A variedade dominante é a paramétrica, uma vez que o autor emprega tanto a variedade formal como a informal.

GABARITO

1.	LETRA C
2.	LETRA B
3.	LETRA C
4.	LETRA A
5.	LETRA C

6.	LETRA B
7.	LETRA C
8.	LETRA D
9.	LETRA B
10.	LETRA D

11.	LETRA E
12.	LETRA D
13.	LETRA C

14.	LETRA D
15.	LETRA A

LISTA DE QUESTÕES - NÍVEIS DE LINGUAGEM - MULTIBANCAS

1. (TJ-RS / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2020)

Texto 1

É claro que somos livres para falar ou escrever como quisermos, como soubermos, como pudermos. Mas é também evidente que devemos adequar o uso da língua à situação, o que contribui efetivamente para a maior eficiência comunicativa.

Considerando o pensamento do texto 1 e tendo conhecimento das atribuições de um oficial de justiça, chegamos à conclusão de que, nessa atividade, a língua escrita, o nível, o uso ou o registro do idioma deve ser predominantemente:

- a) formal, de acordo com os princípios da gramática normativa;
- b) informal, em busca de mais ampla compreensão da mensagem;
- c) regional, adequando-o ao local onde ocorre a comunicação;
- d) popular, tendo em vista que as mensagens são lidas por todos;
- e) ultraformal, selecionando vocabulário erudito e construções elaboradas.

2. (PREF. DE SANTA LUZIA D'OESTE (RO) / TÉCNICO / 2020)

VOCÊ NÃO PODE TER SEMPRE O QUE QUER

A quarentena surpreendeu a todos. Havíamos recém entrado em março, quando 2020 começaria pra valer, mas em vez de dar início ao cumprimento das resoluções de fim de ano, fomos condenados à prisão domiciliar, mesmo não tendo cometido crime algum. Paciência: ser livre se tornou um delito. Parece injusto, mas chegou a hora de entender que não podemos ter sempre o que queremos.

Gostaríamos muito de rever os amigos e parentes, fazer a viagem planejada, torcer pelo nosso time, ir ao pilates, ao cabeleireiro, tomar uma caipirinha com o crush, comparecer à formaturas e casamentos. Gostaríamos de ver as lojas abertas, o comércio aquecido, os índices da bolsa subindo, o dólar baixando.

Gostaríamos de acreditar que todos os líderes do mundo estão errados e só o nosso presidente está certo. Gostaríamos de ter alguém lúcido e responsável no comando do país. Mas, infelizmente, you can't always get what you want. Não por acaso, foi essa a música escolhida pelos Rolling Stones em sua participação no comovente One World/Together at home, evento transmitido ao vivo em 18 de abril, onde diversos artistas, personalidades e profissionais da saúde uniram-se online, cada um em sua casa, para lembrar que somos todos absolutamente iguais diante de uma ameaça, e que o distanciamento social é a saída, mesmo que não seja o que a gente quer.

Seu desejo é uma ordem? Não mesmo. Frase cancelada, como canceladas foram as peças de teatro, os jogos de futebol, as liquidações, o happy hour depois do expediente – e o próprio expediente. Aposentadoria antes da hora, por tempo indefinido. Qual será o legado, o que aprenderemos desta experiência?

Que consumir por consumir é uma doença também. Que o céu está mais azul, a vegetação mais verde e o ar mais puro: não somos tão imprescindíveis, a natureza agradece nossa reclusão. Que há muitas maneiras de se comemorar um aniversário, mesmo sozinho em casa: vizinhos cantam em janelas próximas, amigos deixam flores na portaria do prédio, organiza-se uma reunião por aplicativo. Emoção genuína, festa inimitável. E pensar que há quem gaste uma fortuna com decoração de ambiente, DJ da moda e champanhe francês para 500 convidados, e ainda assim não consegue se sentir amado.

Já tivemos, poucos anos atrás, uma greve de caminhoneiros que serviu de ensaio do apocalipse. Pois já não é mais ensaio, é apocalipse now. Não desperdicemos a chance de amadurecer, simplificar, mudar de atitude. De valorizar o coletivo em detrimento do individual. De praticar um novo método de convívio: uns pelos outros, sempre, e não só na hora do aperto. De fazer deste imenso país uma nação mais homogênea, em prol de uma existência menos metida a besta.

(O GLOBO, Marta Medeiros, 2020)

Sobre a linguagem do texto:

- A) é um monólogo.
- B) é coloquial e aproxima-se do leitor
- C) é impessoal, sem opinião da autora.
- D) é um texto predominantemente referencial.
- E) é impessoal e objetiva.

3. (PREF. DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP) / ENFERMEIRO / 2019)

Atenção: Para responder a questão, considere a crônica abaixo.

Quando lhe disse que um vago conhecido nosso tinha morrido, vítima de tumor no cérebro, levou as mãos à cabeça:

– Minha Santa Efigênia!

Espantei-me que o atingisse a morte de alguém tão distante de nossa convivência, mas logo ele fez sentir a causa de sua perturbação:

– É o que eu tenho, não há dúvida nenhuma: esta dor de cabeça que não passa! Estou para morrer.

Conheço-o desde menino, e sempre esteve para morrer. Não há doença que passe perto dele e não se detenha, para convencê-lo em iniludíveis sintomas de que está com os dias contados. Empresta dimensões de síndromes terríveis à mais ligeira manifestação de azia ou acidez estomacal:

– Até parece que andei comendo fogo. Estou com pirofagia crônica. Esta cólica é que é o diabo, se eu fosse mulher ainda estava explicado. Histeria gástrica. Úlcera péptica, no duro.

Certa ocasião, durante um mês seguido, tomou injeções diárias de penicilina, por sua conta e risco. A chamada dose cavalár.

– Não adiantou nada – queixa-se ele. – Para mim o médico que me operou esqueceu alguma coisa dentro de minha barriga.

Foi operado de apendicite quando ainda criança e até hoje se vangloria:

– Menino, você precisava de ver o meu apêndice: parecia uma salsicha alemã.

No que dependesse dele, já teria passado por todas as operações jamais registradas nos anais da cirurgia: “Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo”. Os médicos lhe asseguram que não há nada, ele sai maldizendo a medicina: “Não descubrem o que eu tenho, são uns charlatões, quem entende de mim sou eu”. O radiologista, seu amigo particular, já lhe proibiu a entrada no consultório: tirou-lhe radiografia até dos dedos do pé. E ele sempre se apalpando e fazendo caretas: “Meu fígado hoje está que nem uma esponja, encharcada de bilis. Minha vesícula está dura como um lápis, põe só a mão aqui”.

– É lápis mesmo, aí no seu bolso.

– Do lado de cá, sua besta. Não adianta, ninguém me leva a sério.

[...]

Ultimamente os amigos deram para conspirar, sentenciosos: o que ele precisa é casar. Arranjar uma mulherzinha dedicada, que cuidasse dele. “Casar, eu?” – e se abre numa gargalhada: “Vocês querem acabar de liquidar comigo?” Mas sua aversão ao casamento não pode ser tão forte assim, pois consta que de uns dias para cá está de namoro sério com uma jovem, recém-diplomada na Escola de Enfermagem Ana Néri.

(SABINO, Fernando. As melhores crônicas. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012, p. 71-72)

É própria da linguagem coloquial a expressão sublinhada em:

- A) Foi operado de apendicite quando ainda criança (9º parágrafo)
- B) Quando lhe disse que um vago conhecido nosso tinha morrido (1º parágrafo)
- C) logo ele fez sentir a causa de sua perturbação (3º parágrafo)
- D) Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo (11º parágrafo)
- E) Mas sua aversão ao casamento não pode ser tão forte assim (14º parágrafo).

4. (CÂMARA DE FORTALEZA (CE) / REVISOR / 2019)

Examine os trechos transcritos abaixo.

I. Em voz baixa, ao pé do ouvido, como esses vendedores clandestinos que nos propõem um relógio submersível. (2º parágrafo)

II. Nenhum papel escrito selara o ajuste; nem havia ajuste. Havia um bebê que mudou de mãos e agora começa a fazer falta ao pai. (7º parágrafo)

III. Porque não fora abandonado por ela; os dois tinham apenas brigado, e o marido, no vermelho da raiva, saíra com o filho para dá-lo a quem quisesse. (8º parágrafo)

IV. Podia ser que fizesse aquilo para o bem do menino, um desses atos de renúncia que significam amor absoluto. (4º parágrafo)

As expressões sublinhadas acima são próprias da modalidade coloquial da linguagem APENAS em

- A) II e IV.

- B) III e IV.
- C) I e III.
- D) II e III.
- E) I e II.

5. (IF-MS / TÉCNICO EM T.I. / 2019)

A Capa da Revista reproduzida abaixo traz a seguinte manchete: “Sorria. Você está demitido. Como extrair o melhor – um belo pacote de saída e até uma recolocação – no pior momento de sua carreira”.



Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-710240639-revista-exame-sorria-voc-esta-demitido-_JM. Acesso em: 08.10.19.

A respeito do texto verbal e da imagem da capa pode-se afirmar que:

- I. O desemprego é apresentado de forma otimista, pois o verbo “sorrir” cria o contraste entre desemprego e recolocação.
- II. A imagem sugere um “pé na bunda”, que no vocabulário informal é usado para quem perdeu o emprego.
- III. Há um certo grau de formalidade no tratamento do leitor, o que garante certo distanciamento de seu público.
- IV. A antítese “melhor” e “pior” cria no leitor a expectativa positiva em relação ao assunto que será tratado na revista.

É CORRETO o que se afirma em:

- A) I, II e IV.
- B) I, III, IV.
- C) I e IV somente.

D) II e IV somente.

E) II e III somente.

6. (SANASA / AGENTE TÉCNICO / 2019)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

De cedo, aprendi a subir ladeira e a pegar bonde andando. Posso dizer, com humildade orgulhosa, que tive morros e bondes no meu tempo de menino.

Nossa pobreza não era envergonhada. Ainda não fora substituída pela miséria nos morros pobres, como o da Geada. Que tinha esse nome a propósito: lá pelos altos do Jaguaré, quando fazia muito frio, no morro costumava gear. Tínhamos um par de sapatos para o domingo. Só. A semana tocada de tamancos ou de pés no chão.

Não há lembrança que me chegue sem os gostos. Será difícil esquecer, lá no morro, o gosto de fel de chá para os rins, chá de carqueja empurrado goela abaixo pelas mãos de minha bisavó Júlia. Havia pobreza, marcada. Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada, amorosamente, também no morro da Geada, pelas mãos de minha avó Nair.

A miséria não substituíra a pobreza. E lá no morro da Geada, além do futebol e do jogo de malha, a gente criava de um tudo. Havia galinha, cabrito, porco, marreco, passarinho, e a natureza criava rolinha, corruíra, papa-capim, andorinha, quanto. Tudo ali nos Jaguarés, no morro da Geada, sem água encanada, com luz só recente, sem televisão, sem aparelho de som e sem inflação.

Nenhum de nós sabia dizer a palavra solidariedade. Mas, na casa do tio Otacílio, criavam-se até filhos dos outros, e estou certo que o nosso coração era simples, espichado e melhor. Não desandávamos a reclamar da vida, não nos hostilizávamos feito possessos, tocávamos a pé pra baixo e pra cima e, quando um se encontrava com o outro, a gente não dizia: “Oi!”. A gente se saudava, largo e profundo: – Ô, batuta!*

**batuta: amigo, camarada.*

(Texto adaptado. João Antônio. Meus tempos de menino. In: WERNEK, Humberto (org.). Boa companhia: crônicas. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p. 141-143)

No contexto do 5º parágrafo, em contraste com “Ô, batuta!”, a saudação “Oi” demonstra maior

A) cordialidade.

B) impessoalidade.

C) proximidade.

D) sinceridade.

E) informalidade.

7. (SANASA / AGENTE TÉCNICO / 2019) Utilize o texto da questão anterior

O tom subjetivo combina-se com um nível de linguagem explicitamente informal na seguinte passagem:

- A) Tudo ali nos Jaguarés, no morro da Geada, sem água encanada, com luz só recente, sem televisão, sem aparelho de som e sem inflação. (4º parágrafo)
- B) Que tinha esse nome a propósito: lá pelos altos do Jaguaré, quando fazia muito frio, no morro costumava gear. (2º parágrafo)
- C) Nenhum de nós sabia dizer a palavra solidariedade. Mas, na casa do tio Otacílio, criavam-se até filhos dos outros... (5º parágrafo)
- D) Ainda não fora substituída pela miséria nos morros pobres, como o da Geada. (2º parágrafo)
- E) Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada [...] pelas mãos de minha avó Nair. (3º parágrafo).

8. (TJ-CE / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2019)

A frase abaixo que foi construída exclusivamente por linguagem formal é:

- A) Primeiro a gente enlouquece e depois vê no que dá;
- B) A vida é curta demais para vivê-la ao lado de um filho da mãe;
- C) Tem pessoas que discordam de mim e outras, que são inteligentes;
- D) Me deram como castigo uma pena de dez anos;
- E) Somente o que perdi é meu para sempre.

9. (UFF / ASSISTENTE ADMINISTRATIVO / 2019)

TEXTO 1

APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que

No Texto 1, percebe-se o uso de uma linguagem mais informal, próxima da língua falada e de acordo com a situação de comunicação retratada. Analise as quatro assertivas a seguir sobre o uso da variante linguística utilizada no texto em análise.

I Em “Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas (...)” (linhas 1-2), a imprecisão referente à data é própria da linguagem informal.

II Em “Perguntaram-me se o ladrão estava armado (...)” (linha 13), a ênclise é própria da modalidade oral informal.

III Em “O tiro fez um estrago danado no cara!” (linha 24), “danado” é uma gíria muito comum e, nesse contexto, significa “enorme”.

IV Em “(...) e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo” (linhas 27-29), há um problema de concordância, recorrente na variante informal da língua portuguesa.

É verdadeiro o que está contido somente em

A) I e III.

B) II e III.

C) II e IV.

D) III.

E) IV.

“ Eleições” é o tema da charge a seguir, que destaca não só a postura de políticos, de fazer promessas durante as campanhas eleitorais, mas também a postura crítica de muitos eleitores, atentos a essa realidade. Avalie a proposição, que diz respeito aos recursos linguísticos presentes no diálogo entre os personagens, e responda ao que se pede.



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-13-09-2018-1.2030423>.

O uso da forma verbal abreviada “tá”, em vez de “está” não constitui um erro, apesar de ser proferido por um médico, pois reflete o envolvimento dos personagens no processo interacional; além disso, justifica-se em razão do propósito comunicativo do gênero textual – a charge.

11.(PGE-PE / ASSISTENTE DE PROCURADORIA / 2019)

- 1 Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na
região de lindas propriedades cafeeiras. Íamos de automóvel
até Barra do Pirai, onde pegávamos um carro de boi.
4 Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais,
com uma vara: “Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!”. Tenho
ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da
7 minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que
minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia
um para cada dia da semana, assim, eu podia me esbaldar e me
10 sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para
usar no dia seguinte.

Jô Soares. **O livro de Jô**: uma autobiografia
desautorizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Com relação aos aspectos linguísticos desse texto, julgue o item a seguir.

As formas ‘Xô’ e ‘Vâmu’, na linha 5, são marcas de oralidade e reproduzem a informalidade da fala do condutor do carro de boi.

12.(MPE-RJ / TÉCNICO PROCESSUAL / 2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

- a) “A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada”;

- b) "Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";
- c) "Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";
- d) "Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";
- e) "Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

13.(TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016)



A fala da funcionária "OK, Senhor. Vou estar anotando o seu problema para estar agendando a visita de um técnico" mostra uma marca típica desse modo de falar, que é:

- a) a presença marcante de estrangeirismos;
- b) o emprego de uma linguagem demasiadamente erudita;
- c) o mau uso do gerúndio;
- d) a completa falta de objetividade na mensagem;
- e) a ausência de tratamento individualizado.

14.(PREFEITURA DE NITERÓI / 2016)



A linguagem da charge deve ser classificada como:

- a) formal, pois não apresenta desvios gramaticais;
- b) informal, pois emprega termos de gíria;
- c) regional, já que mostra marcas de certa região do país;
- d) jargão profissional, visto que contém expressões típicas de políticos;
- e) erudita, já que inclui termos e construções rebuscadas.

15.(PREFEITURA DE NITERÓI / 2016)



Por tratar-se de uma charge humorística é comum a presença da linguagem coloquial que, nas falas da charge, se manifesta:

- a) no emprego da gíria “idiota”;
- b) na utilização de um nome no diminutivo;
- c) no emprego do tratamento você;
- d) na ausência de resposta sim/não de Miguelito;
- e) no emprego de “aí” como conjunção.

16.(SAEP-PR–Matriz de Referência – 2016)

A literatura da era digital

A internet tem sido um veículo de extrema importância para a divulgação dos escritores das novas gerações, assim como dos autores de épocas em que os únicos meios de acesso à leitura eram o livro e os jornais. Hoje, com todo o advento da tecnologia, os leitores de diversas faixas etárias e de qualquer parte do mundo podem acessar e fazer o download gratuito de uma infinidade de livros [...]. Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção, muitas vezes injusta, das editoras. Portanto, a internet tem se tomado um espaço facilitador que acaba por

redimensionar a literatura em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, até escritores consagrados disponibilizam seus textos na internet, pois têm consciência de que a acessibilidade dos leitores ao mundo virtual é muito grande, apesar de o mercado editorial americano ser também um monstruoso veículo de divulgação da literatura. Nos países da Europa, apesar da enorme quantidade de livrarias e bibliotecas e de todas as leis de incentivo à publicação que barateiam o preço dos livros, os escritores não hesitam em publicar suas obras pela web, porque sabem que lá também estão os seus leitores. [...]

Nesse texto, o uso de palavras como "web", "download", "internet" são típicas da linguagem:

- a) coloquial.
- b) formal.
- c) jornalística.
- d) técnica.

17. (PREFEITURA DE CUIABÁ / CONDUTOR / 2016)

A novela

Considerar a telenovela um produto cultural alienante é um tremendo preconceito da universidade. Quem acha que novela aliena está na verdade chamando o povo de débil mental. Bobagem imaginar que alguém é induzido a pensar que a vida é um mar de rosas só por causa de um enredo açucarado. A telenovela brasileira é um produto cultural de alta qualidade técnica, e algumas delas são verdadeiras obras de arte.

Ela é educativa no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado. Na década de 70, os autores faziam isso de maneira mais sutil. Nos dias atuais, sem censura, as discussões podem ser mais abertas.

Entre as palavras escritas no texto 2, aquela que é bastante informal ou popular é

- a) "produto"
- b) "telenovela"
- c) "bobagem"
- d) "sutil"
- e) "enredo"

18. (DPE-RO / ANALISTA EM REDAÇÃO / 2016)

Indique a frase em que a utilização do pronome pessoal é típica da linguagem coloquial:

- a) Foi-se deitar às sete horas da noite;
- b) Encontrou elas na saída do shopping;
- c) Ele estava descrevendo-se pior do que era;
- d) Ele se estava descrevendo pior do que era;
- e) Ele e ela se distanciaram do grupo.

19. (TJ-RJ / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2016)

TEXTO 2

Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa.

O segmento do texto 2 que mostra variação culta de linguagem, sem traços de informalidade ou oralidade é:

- a) "mantém em sincronia com os demais veículos lá fora";
- b) "o que temos agora é uma verdadeira sala de estar";
- c) "Mas ninguém liga pra ele";
- d) "está cheio de novidades bem mais legais";
- e) "assistindo ao seu seriado preferido".

20. (SEDUC-AM / PROFESSOR / 2014)

Assinale a opção que indica a característica que marca a língua escrita e não a língua falada.

- a) O receptor está ausente, o que impede o progressivo refinamento do enunciado diante de dificuldades.
- b) O referente também envolve a situação, provocando ausência de alusões claras a esse referente.
- c) As conexões entre as frases é menos explícita, com presença de conectores como então, aí etc
- d) As repetições são frequentes, assim como as omissões, esquecimentos, desvios etc.
- e) Vocabulário mais reduzido.

21. (CEFET-RJ / REVISOR DE TEXTOS / 2014)

Texto IV

Entrevistadora: e::... André... eu queria que ago/... agora que você me contasse uma história... que tenha acontecido com você... e que você tenha achado engraçada... ou triste... ou constrangedora...

- 5 **Informante:** bem... ah:: o fato engraçado foi a partir da data de hoje... né? seis de agosto de mil novecentos e noventa e três... é que eu cheguei em torno de::... nove horas no::... no meu antigo estágio... na Light... que é na Presidente Vargas... meia quatro dois...
10 décimo quarto andar... e:: chegando lá... como... entrou um novo estagiário...

CORPUS Discurso&Gramática – UFRJ. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2014.

O diálogo do Texto IV se dá entre uma entrevistadora e um informante jovem de nível superior.

Na sua reescritura, com base na norma-padrão, em que fossem retiradas as marcas de oralidade, pode ser mantida apenas a seguinte palavra ou expressão:

- a) bem (L. 5)
- b) ah: : (L. 5)
- c) né? (L. 6)
- d) é que (L. 7)
- e) em torno de (L. 7-8)

22.(FUNARTE / CONTADOR / 2014)

Brasileiro, Homem do Amanhã (Paulo Mendes Campos)

Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo. Brasileiro até demais. Colunas da brasilidade, as duas colunas são: a capacidade de dar um jeito; a capacidade de adiar.

A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso.

Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta, uma diretriz fundamental. Não, é mais, é bem mais forte do que qualquer princípio da vontade: é um instinto inelutável, uma força espontânea da estranha e surpreendente raça brasileira.

Para o brasileiro, os atos fundamentais da existência são: nascimento, reprodução, procrastinação e morte (esta última, se possível, também adiada).

Adiamos em virtude dum verdadeiro e inevitável estímulo inibitório, do mesmo modo que protegemos os olhos com a mão ao surgir na nossa frente um foco luminoso intenso. A coisa deu em reflexo condicionado: proposto qualquer problema a um brasileiro, ele reage de pronto com as palavras: logo à tarde, só à noite; amanhã; segunda-feira; depois do Carnaval; no ano que vem.

Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham. Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêssames, o conserto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo. Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós. Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil.

Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá. Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: "Se eu morresse amanhã!". Como se vê, nem os românticos aceitavam morrer hoje, postulando a Deus prazos mais confortáveis.

Sim, adiamos por força dum incoercível destino nacional, do mesmo modo que, por obra do fado, o francês poupa dinheiro, o inglês confia no Times, o português adora bacalhau, o alemão trabalha com um furor disciplinado, o espanhol se excita com a morte, o japonês esconde o pensamento, o americano escolhe sempre a gravata mais colorida.

O brasileiro adia, logo existe.

A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico. A verdade é que já está nos manuais. Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra. Entre poucos endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico:

Palavras

Hier: ontem

Aujourd'hui: hoje

Demain: amanhã

A única palavra importante é "amanhã".

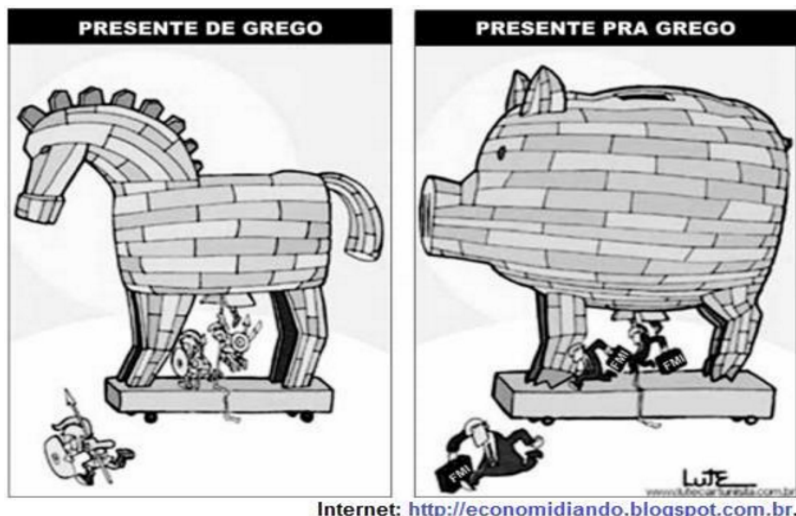
Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem.

A linguagem coloquial aparece seguidas vezes no texto. O segmento que a exemplifica é:

- a) *"A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico";*
- b) *"Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";*
- c) *"Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem";*
- d) *"A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso";*

e) "Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na *Canção do Exílio*, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá".

23.(BACEN / TÉCNICO / 2013)



Em relação ao texto apresentado acima, julgue os itens seguintes.

Em "*PRESENTE PRA GREGO*", o emprego da forma prepositiva "*pra*" é inadequado, dado o grau de formalidade do texto.

24.(FUNDAÇÃO PRÓ-SANGUE / 2013)

Até 73% dos erros cometidos em hospitais no país são evitáveis

Até 73% dos erros que acontecem dentro de hospitais brasileiros, como medicações trocadas ou operação de membros errados, poderiam ser evitados.

É o que apontam estudos da Fiocruz apresentados no QualiHosp (congresso de qualidade em serviços de saúde) e que ajudaram o Ministério da Saúde a criar novas normas de segurança hospitalar que passam a valer a partir de 2014.

As pesquisas, feitas em dois hospitais públicos do Rio, encontraram uma incidência média de 8,4% de eventos adversos, semelhante aos índices internacionais.

No Brasil, no entanto, é alto o índice de problemas evitáveis: de 66,7% a 73%. Em outros países, a incidência variou de 27% (França) a 51% (Austrália). Em números absolutos, isso significa que, em 2008, dos 11,1 milhões de internados no SUS, 563 mil foram vítimas de erros evitáveis.

Para Walter Mendes, pesquisador da Fiocruz e consultor do comitê do programa de segurança do paciente, embora haja limitações metodológicas ao extrapolar os resultados para o resto do país, os estudos indicam a magnitude do problema.

"É um quadro barra pesada. Nos países desenvolvidos, existem políticas de segurança bem consolidadas. Aqui estamos acordando com um pouco de atraso", diz ele.

A linguagem do pesquisador pode ser caracterizada como

- a) formal
- b) coloquial
- c) regional
- d) erudita
- e) técnica

25.(CEFET RJ / ASSISTENTE / 2014)

Escrever é fácil?

Para estimular crianças e jovens a escrever, há quem diga que escrever é fácil: basta pôr no papel o que está na cabeça. Na maioria das vezes, porém, este estímulo é deveras desestimulante.

Há boas explicações para o desestímulo: se apessoa não consegue escrever, convencê-la de que escrever é fácil na verdade a convence apenas da sua própria incompetência, a convence apenas de que ela nunca vai conseguir escrever direito; não se escreve pondo no papel o que está na cabeça, sob pena de ninguém entender nada; quem escreve profissionalmente nunca acha que escrever é fácil, nem mesmo quando escreve há muito tempo — a não ser que já escreva mecanicamente, apenas repetindo frases e fórmulas.

Via de regra, nosso pensamento é caótico: funciona para alimentar nossas decisões cotidianas, mas não funciona se for exposto, em voz alta ou por escrito, tal qual se encontra na cabeça. Para entender o nosso próprio pensamento, precisamos expressá-lo para outra pessoa. Ao fazê-lo, organizamos o pensamento segundo um código comum e então, finalmente, o entendemos, isto é, nos entendemos. Não à toa o jagunço Riobaldo, personagem do escritor Guimarães Rosa, dizia: professor é aquele que de repente aprende.

Todo professor conhece este segredo: você entende melhor o seu assunto depois de dar sua aula sobre ele, e não antes. Ao falar sobre o meu tema, tentando explicá-lo a quem o conhece pouco, aumento exponencialmente a minha compreensão a respeito. Motivado pelas expressões de dúvida e até de estupor dos alunos, refino minhas explicações e, ao fazê-lo, entendo bem melhor o que queria dizer. Costumo dizer que, passados tantos anos de profissão, gosto muito de dar aula, principalmente porque ensinar ainda é o melhor método de estudar e compreender.

Ora, do mesmo jeito que ensino me dirigindo a um grupo de alunos que não conheço, pelo menos no começo dos meus cursos, quem escreve o faz para ser lido por leitores que ele potencialmente não conhece e que também não o conhecem. Mesmo ao escrever um diário secreto, faço-o imaginando um leitor futuro: ou eu mesmo daqui a alguns anos, ou quem sabe a posteridade. Logo, preciso do outro e do leitor para entender a mim mesmo e, em última análise, para ser e saber quem sou.

Exatamente porque esta relação com o outro, aluno ou leitor, é tão fundamental, todo professor sente um frio na espinha quando encontra uma nova turma, não importa há quantos anos exerça o magistério. Pela mesma razão, todo escritor fica “enrolando” até começar um texto novo, arrumando a escrivinha ou vagando pela internet, não importa quantos livros já tenha publicado. Pela mesmíssima razão, todo aluno não quer que ninguém leia sua redação enquanto a escreve ou faz questão de colocá-la debaixo da pilha de redações na mesa do professor, não importa se suas notas são boas ou não na matéria.

Escrever definitivamente não é fácil, porque nos expõe no momento mesmo de fazê-lo. [...] Quem escreve sente de repente todas as suas hesitações, lacunas e omissões, percebendo como o seu próprio pensamento é incompleto e o quanto ainda precisa pensar. Quem escreve de repente entende o quanto a sua própria pessoa é incompleta e fraturada, o quanto ainda precisa se refazer, se inventar, enfim: se reescrever.

Ao longo do texto, há marcas de linguagem que indicam uma aproximação, uma espécie de diálogo, que o autor estabelece com aqueles que estão lendo seu texto.

Um trecho que contém uma dessas marcas de linguagem é:

- a) "Na maioria das vezes, porém, este estímulo é deveras desestimulante." (L. 2-3)
- b) "Ao fazê-lo, organizamos o pensamento segundo um código comum" (L. 14-15)
- c) "Todo professor conhece este segredo:" (L. 19)
- d) "Ao falar sobre o meu tema, tentando explicá-lo" (L. 20-21)
- e) "do mesmo jeito que ensino me dirigindo a um grupo de alunos" (L. 27)

26.(CÂMARA DOS DEPUTADOS / ANALISTA / 2012)

1 É verdade que quase todo mundo tem suas
preferências, detesta algumas construções, prefere a pronúncia
de alguma região etc. Mas o linguista precisa manter uma
4 atitude científica, com atenção constante às realidades da
língua e total respeito por elas. Se ele verifica que as pessoas
dizem frases como "Se você ver ela, fala com ela pra me
7 telefonar", precisa reconhecer essa construção como legítima
na língua. Por outro lado, em um texto escrito, ele
provavelmente encontraria outra frase, que igualmente precisa
10 ser reconhecida. As duas coexistem, cada qual no seu contexto.
O linguista, cientista da linguagem, observa a língua como ela
é, não como algumas pessoas acham que ela deveria ser.
12 Condenar uma construção ou uma palavra ocorrente como
incorreta é mais ou menos como decretar que é "errado" que
aconteçam terremotos. Eles acontecem, e um cientista não tem
15 remédio senão reconhecer os fatos. O objetivo dos linguistas é
descrever e explicar, e não, prescrever formas certas e proibir
formas erradas. Para nós, "certo" é aquilo que ocorre na língua.

Mário A. Perini. Gramática do português brasileiro. São Paulo:
Parábola Editorial, 2010, p. 20-1 (com adaptações).

Julgue os itens subsequentes, relativos ao texto acima.

De acordo com o texto, em uma análise científica de construções linguísticas, deve ser considerada a adequação à situação em que tais construções foram empregadas.

27.(COMPESA / ANALISTA DE GESTÃO / 2016)

Assinale a frase em que a expressão "a gente" não exemplifica a variante coloquial de linguagem.

- a) "Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse".
- b) "É uma grande obra arquitetônica e a gente que passa por lá fica impressionada com a grandeza da obra".

- c) "Um cadáver é o produto final. A gente é apenas a matéria-prima".
- d) "A morte impede a gente de viver, não de morrer".
- e) "Não há nada novo sob o sol, mas há muitas coisas velhas que a gente não conhece".

28.(UFPB / ADMINISTRADOR / 2016)

"Vivemos num mundo com acesso a todo tipo de informação de diversas maneiras."

Acerca das estruturas linguísticas do trecho destacado, analise e assinale a afirmativa correta.

Sabendo-se que o termo "num" se trata de uma contração, sua substituição por "a um" estaria correta e adequada de acordo com a norma padrão da língua, possuindo um aspecto erudito da linguagem.

29.(UFPB / ADMINISTRADOR / 2016)

"Quem não se comunica se trumbica"

Esta frase é do Chacrinha, um dos mais famosos apresentadores da televisão brasileira, falecido em 1988. Só que não! A frase, na verdade, é de Péricles do Amaral, que a "deu" para que Chacrinha a usasse em seus programas na TV. Mas hoje, enquanto Chacrinha se eternizou como personagem integrante da história da TV brasileira, Péricles – uma das maiores referências do rádio carioca e autor de novelas radiofônicas, além de forte atuação como redator de TV em diversos canais – que faleceu em 1975, é pouco conhecido do grande público.

Essa confusão exemplifica a relação que temos hoje com a informação e a comunicação. Vivemos uma era de alta tecnologia da informação. Mas informação e comunicação não significam necessariamente a mesma coisa. Vivemos num mundo com acesso a todo tipo de informação de diversas maneiras. Só que excesso de informação também pode gerar ruído – em comunicação, "ruído" é qualquer elemento que interfere no processo de transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor.

Não basta haver a capacidade de informar se não houver o desejo de se comunicar. Ou o desejo de compreender e ser compreendido pelo interlocutor. Para esse processo de troca de ideias funcionar, saber escrever corretamente é condição necessária, mas não suficiente. O que vemos hoje com alguma frequência (especialmente em redes sociais) são pessoas querendo impor suas ideias, mas sem querer compreender ideias diferentes. Ou mesmo modos diferentes de se expressar. [...]

O emprego da expressão de caráter coloquial "Só que não!" representa

- a) a expressão da identidade de um grupo específico, público-alvo do texto em análise.
- b) a ocorrência de um grau de formalismo característico de uma linguagem não fragmentária.
- c) uma exemplificação de parte da argumentação expressa no último parágrafo do texto transcrito.
- d) uma inadequação linguística proposital do autor do texto cujo objetivo é despertar o interesse do leitor pelo assunto discutido.

30. (CODEM-PA / ADVOGADO / 2017)

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, e em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça, e você expressou a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou eu só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo lembra-me a minha meiga Carolina.

Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho

Machado de Assis (Adaptado de <http://bagagemclandestina.blogspot.com.br/2008/08/meu- caro-nabuco.html>)

A linguagem utilizada no texto é

- a) predominantemente coloquial.
- b) predominantemente jornalística.
- c) mistura proporcionalmente linguagem coloquial e formal.
- d) predominantemente argumentativa.
- e) predominantemente formal.

31. (COREN-MA / CONTADOR / 2013)

“... estavam de olho em todas as nossas ações, prontos para criticar nossas atitudes e ferrar com nossa felicidade.”

O excerto anterior contém um exemplo de linguagem:

- a) regional.
- b) denotativa.
- c) pejorativa.
- d) coloquial.

e) padrão.

32. (FUNTEPA / ADMINISTRADOR / 2010)

“Relacionamento em redes sociais não é como campanha, que tem começo e fim. É um trabalho que não possui prazo para terminar, o que é muito positivo – assim espera-se, visto que ainda não sabemos como será o comportamento dos hoje candidatos, amanhã eleitos...”

No parágrafo anterior verifica-se o emprego de:

- a) Linguagem padrão.
- b) Linguagem conotativa.
- c) Linguagem técnico-científica.
- d) Linguagem conotativa em um texto com características jornalísticas.
- e) Linguagem denotativa em um texto didático científico.

33. (CODEM-PA / ADVOGADO / 2017)

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, e em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça, e você expressou a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou eu só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo lembra-me a minha meiga Carolina.

Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho

Machado de Assis (Adaptado de <http://bagagemclandestina.blogspot.com.br/2008/08/meu- caro-nabuco.html>)

A linguagem utilizada no texto é

- a) predominantemente coloquial.
- b) predominantemente jornalística.

- c) mistura proporcionalmente linguagem coloquial e formal.
 d) predominantemente argumentativa.
 e) predominantemente formal.

GABARITO

1.	LETRA A
2.	LETRA B
3.	LETRA D
4.	LETRA C
5.	LETRA A
6.	LETRA B
7.	LETRA E
8.	LETRA E
9.	LETRA D
10	CORRETA
.	
11	CORRETA
.	

12	LETRA C
.	
13	LETRA C
.	
14	LETRA A
.	
15	LETRA E
.	
16	LETRA D
.	
17	LETRA C
.	
18	LETRA B
.	
19	LETRA E
.	

20	LETRA A
.	
21	LETRA E
.	
22	LETRA C
.	
23	INCORRETA
.	
24	LETRA B
.	
25	LETRA B
.	
26	CORRETA
.	
27	LETRA B
.	

28	INCORRETA
.	
29	LETRA A
.	
30	LETRA E
.	
31	LETRA D
.	
32	LETRA A
.	
33	LETRA E
.	

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.